



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

SUMÁRIO

I. Introdução	3
II. Contextualização Histórica, sociológica e antropológica.....	6
A. Histórico do Município	6
B. Histórico do local onde ocorre a manifestação e sua contextualização na história municipal	17
C. A Feira-Livre de Capelinha.....	20
1. Antecedentes históricos.....	20
2. Evolução dos espaços, paisagem natural e meio ambiente.....	27
3. Evolução histórica dos marcos edificados	31
4. Descrição	32
5. Documentação cartográfica	38
6. Ficha de inventário	42
III. Delimitação e descrição da área de ocorrência.....	57
IV. Salvaguarda e Valorização.....	61
V. Documentação Fotográfica.....	70
VI. Registro audiovisual	84
VIII. Agradecimentos	86
IX. Referências Bibliográficas.....	87
X. Documentos.....	89
A. Parecer Técnico.....	89
B. Parecer do Conselho.....	92
C. Ata de aprovação provisória	93
D. Notificações e recibos	94
E. Ata de aprovação definitiva	95
F. Decreto do Registro	96
G. Comprovante de publicação do Decreto de Registro	97
H. Abertura do Livro de Registro de Lugares	98
I. Inscrição no Livro de Registro de Lugares.....	99
J. Relatório de Avaliação para Registro.....	100

FEIRA-LIVRE DE CAPELINHA



É impensável não ir à Feira Livre de Capelinha aos sábados! Os sábados sem feira viram domingo!

(Secretaria Municipal de Cultura)



I. Introdução

O município de Capelinha apresenta o **DOSSIÊ MUNICIPAL DO REGISTRO IMATERIAL DA FEIRA-LIVRE DE CAPELINHA**, localizada à Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, s/nº - Centro, Capelinha/MG.

A feira-livre possui valor histórico, cultural, memorial e econômico, sendo o local de acontecimento de trabalho, compras, lazer, bate papo, confraternização, etc. configurando um espaço de suma importância para os Capelinenses, portanto, de bastante relevância a sua proteção imaterial, não somente pela manutenção da memória cultural local, mas, sobretudo, para consolidar a política municipal de preservação do patrimônio cultural de Capelinha adotada pelo município e incentivada pela Lei do ICMS Cultural.

A Feira-livre de Capelinha sempre foi um atrativo turístico e local de compras pelas donas de casa e turistas em geral. Atrai pessoas da zona rural, tanto para trabalhar quanto para comprar, atrai pessoas dos municípios vizinhos, turistas em geral e donas de casa, que sempre aguardam ansiosamente o sábado para as compras frescas. Ir à feira e fazer compras envolve muito mais do que o simples ato de comprar: a feira tem uma atmosfera própria, uma dinâmica que não se encontra dentro de supermercados com ar condicionado. O bate papo, o encontro com amigos, a bebida de fim de semana são inerentes à feira. Na feira-livre encontra-se um pouco de tudo: frutas, verduras, legumes, leite, queijo, requeijão, pinga, fumo de rolo, galinha morta, galinha viva, frango caipira, porco, lombo defumado, andu, farinhas diversas, palmito cru, grãos, ovos, carnes, utensílios domésticos, raízes, temperos, lingüiças, artesanatos de barro, artesanatos de madeira, em cerâmica, em couro, em taquara, artesanatos de palha, doce de leite, doces de frutas, flores, bijuterias, roupas e até mesmo produtos do Paraguai e China.

Como todas as feiras livres, a feira de Capelinha é um lugar cheio, movimentado, cores, sons e cheiros. Cheiro das especiarias, do fumo, das frutas, das palhas dos cestos, dos doces, dos queijos, das ervas medicinais. Colorido dos legumes, das hortaliças, das suculentas frutas, das bijuterias, das roupas. Pessoas transitam em ruidoso barulho, examinam, pechinham ou simplesmente passeiam. Outras, já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses. Cumprimentos exaltados, notícias a circular, risadas. Tudo ecoa no comprido galpão onde estão distribuídas as barracas, os bares, os trailers. Todo esse conjunto forma um inusitado e belíssimo mosaico, que ganha toque especial com os raios de sol que timidamente invadem o ambiente. Outros feirantes, localizados do lado de fora do Mercado arrematam o cenário, aproveitando o fluxo de pessoas esperado nos dias de feira, expõem suas



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

mercadorias, no chão, da mesma forma que os feirantes dos ranchos e da Rua das Flores faziam.

A Feira-livre funciona atualmente no Mercado Municipal de Capelinha, todos os sábados até as 14:00h. Mesmo que a população cresça e o mercado atual seja pequeno para comportar tanta gente, o que já ocorre atualmente, os capelinenses se habituaram à feira de sábado, desejando que o lugar e a feira sejam resguardados para as futuras gerações e tradições locais de feira-livre.

Todo esse envolvimento da comunidade com a feira-livre de Capelinha motivou o Conselho de Patrimônio Cultural a proteger este bem e solicitar o registro do lugar imaterial da Feira-Livre de Capelinha, de forma a resguardar a memória, a identidade, a formação da comunidade e da tradicional feira da cidade. Em setembro de 2009, a equipe da PRESERVE foi solicitada para avaliar a viabilidade do registro da Feira-Livre e preparou um relatório de avaliação que subsidiou a reunião do Conselho que registrou provisoriamente a Feira-livre de Capelinha como um bem imaterial, categoria: lugar. Após esse registro provisório do imaterial é que a elaboração do dossiê da feira-livre e seus trabalhos de campo iniciaram concretamente.

A elaboração deste dossiê de registro do imaterial da feira-livre de Capelinha foi realizada em três fases:

- A primeira fase consistiu num levantamento de documentos, fotografias antigas, relatórios referentes à história da feira, onde a feira funcionou, suas mudanças, suas importâncias para a população capelinense. Foram pesquisados documentos públicos da Prefeitura, da Biblioteca Municipal, da Casa da Cultura, da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, da Secretaria de Obras, como também acervos de particulares. Foram realizadas diversas entrevistas com pessoas que participaram e ainda participam das atividades da feira-livre, que cuidam para que tudo funcione e dê certo todos os sábados de manhã. Também foram entrevistados usuários, feirantes, vigias, o secretário de Agricultura e meio Ambiente Sr. Osmano, pessoas que possuam lembranças e fatos a relatar. Também foram pesquisados livros, periódicos e sites de internet sobre o assunto das feiras-livres e como elas ocorrem em outros lugares.
- A segunda fase consistiu na elaboração dos trabalhos técnicos necessários, tais como vistoria na feira-livre no dia anterior (sexta), na madrugada e no próprio sábado, acumulando registros fotográficos, filmagens e diversas entrevistas na feira-livre. O entorno também foi analisado e fotografado. Foram feitas perguntas sobre os prós e contra da feira-livre para os vizinhos moradores e comerciantes.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

- A terceira fase consistiu na elaboração de plantas, mapas, definição de perímetro de ocorrência direta e indireta, descrição e toda a montagem do dossiê do imaterial.

Por tudo isso, a feira-livre tem vida e é parte intrínseca da vida dos capelinenses. A feira-livre faz parte da sua história, da sua cultura, da sua tradição e de seu povo justificando a relevância para a memória, a identidade, a formação da comunidade capelinhense e para a salvaguarda do patrimônio imaterial de Capelinha.



II. Contextualização Histórica, sociológica e antropológica

A. Histórico do Município¹

Após o ano de 1.550, rumores começaram a inquietar os moradores da Capitania de Porto Seguro acerca da existência de esmeraldas e safiras, às margens de uma lagoa, ao sopé da Serra Resplandecente, cujo nome indígena de Vupabuçu (lagoa da água preta). Várias expedições foram organizadas a partir de Porto Seguro em direção ao interior, quase todas elas passando pelo leste e nordeste de Minas Gerais ou nos atuais municípios de Capelinha, Itamarandiba, Água Boa, Santa Maria do Suaçuí, Teófilo Otoni, etc. Em 1.674, foi a última, coordenada por Fernão Dias Pais Leme. Incumbido pelo Rei de descobrir definitivamente as esmeraldas que lhe foram amostras. Fernão Dias, varando os sertões por anos a fio, morreu convencido de ter encontrado finalmente a Lagoa Vupabuçu e, às suas margens, as tão sonhadas esmeraldas, que afinal não passavam de turmalinas verdes sem muito valor. Estudiosos afirmam que a lagoa Vupabuçu é a que se localiza a 8 quilômetros do rio Urupuca, entre os municípios de Água Boa e Santa Maria do Suaçuí, ou seja, em território que pertencia outrora ao município de Capelinha.

A decadência da mineração em Minas Gerais, ao final do século XVIII, foi um dos fatores que desencadearam a expansão do povoamento do território mineiro. Assim, no limiar do século XIX, muitos eram os que vendiam parte de seus escravos na região de Minas Novas para se internarem pelas matas nas adjacências de Alto dos Bois, o qual pertencente ao Município de Capelinha até 1.995, quando passou a integrar o recém-criado município de Angelândia. (Alto dos Bois foi a 3^a Companhia de Dragões que atendia as necessidades de guarda e segurança da estrada que ligava à Bahia, onde havia o maior tráfego de ouro, principalmente extraído de Minas Novas. Juntamente com Minas Novas, constitui referência histórica em toda a porção centro-nordeste de Minas. Sendo outrora localização da aldeia indígena dos Macunis e Malalis). Além de Alto dos Bois, internaram-se nos vales dos rios Doce e Mucuri, com o objetivo de aí se estabelecerem com fazendas de criação de gado e lavouras em geral.

A história dos municípios de Capelinha, Água Boa, Malacacheta e Itambacuri está indelevelmente ligada à trajetória e saga da tribo Aranã, do grupo dos Botocudos.

Os Aranãs habitaram nos sombrios vales dos rios Urupuca, Surubim e Itambacuri, região atualmente formada pelos municípios de Água Boa, Malacacheta e Itambacuri. Constituíam uma tribo atrasadíssima, tendo sido considerada extinta no

¹ Texto fornecido pela Secretaria Municipal de Cultura



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

final do século XIX. Sabe-se, porém, que, pelo menos até 1.862, eram oficialmente apontados como aldeados às margens do Córrego Aranã, afluente do Urupuca. Em 1.873, consta que existiam alguns representantes dessa tribo juntamente a outros silvícolas catequizados no aldeamento de Itambacuri pelos capuchinhos Frei Serafim e Frei Ângelo. Sabe-se igualmente que até o final da década de 1.920 ainda se apontavam elementos humanos de puro sangue da tribo Aranã em Itambacuri. De resto, seus legítimos descendentes residem atualmente nos municípios de Araçuaí, Coronel Murta, Virgem da Lapa, Ponto dos Volantes, Belo Horizonte, Juatuba, Itinga, Pará de Minas e São Paulo.

O fato de o meio oficial apontar a tribo Aranã como extinta constitui até pouco tempo sério problema para os seus atuais descendentes, tendo que provarem que efetivamente o são para reconhecimento como grupo etnicamente legítimo e dotado de direitos perante as leis do país. A diocese de Araçuaí uniu-se ao Conselho Indígena Aranã para, juntamente com outras entidades e pessoas, resgatar o passado dessa tribo, atingindo o seu reconhecimento em 2003 como autêntico povo aranã pela FUNAI.

Em Capelinha, o termo Aranãs é usado para intitular clube social, time de futebol, rádio, café, gráfica, escritório de contabilidade e armazém, tendo sido também, no passado, nome da atual Rua Governador Valadares. Note, portanto, que, ainda que não existisse um só representante da tribo Aranã, sua memória estaria viva.

Em 1.801, Manuel Luiz Pego se instalou nas proximidades de um córrego localizado no atual município de Capelinha e que hoje tem o seu nome. As terras que pretendia ocupar, em uma grande extensão, faziam limites com outras terras ocupadas pelos temíveis índios Botocudos, amplamente espalhados pelo vale do rio Doce. Em 1808, estando no Brasil, D. João VI (rei de Portugal) instituiu uma lei declaratória de guerra ofensiva contra a nação dos índios Botocudos, com a finalidade de exterminá-los e explorar as riquezas existentes em suas terras. Para tanto o rei criou Divisões Militares em todo o vale do rio Doce e perseguiu cruelmente as tribos. Acuados, os índios debandaram-se em direção principalmente ao Mucuri e Jequitinhonha. Nessa sua fuga, por onde passavam vingavam-se dos colonos, ora tirando-lhes a vida e a de seus familiares, ora incendiando roças e pastos. Manuel Luiz Pego, ao tomar conhecimento dessa debandada dos índios, retirou-se da fazenda há pouco estabelecida e, juntamente com os familiares e amigos, instalou-se às margens do córrego Areão, exatamente onde se encontra hoje a cidade de Capelinha.

Após a morte de Manuel Luiz, provavelmente em 1812, seu filho Feliciano Luiz Pego recebeu por herança a fazenda do córrego Areão e com seus parentes reunidos em grande número para se defenderem das agressões dos índios, mandou



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr. Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

construir, nesse mesmo ano uma **humilde capela, coberta de capim, sob invocação de Nossa Senhora da Graça**. Ali, se reuniam, aos sábados e domingos para rezarem o Terço ou Ofício de Nossa Senhora. Logo após, apareceu a idéia de se estabelecer um povoado neste lugar, Feliciano doou, para este fim, a N. S. da Graça uma porção de terreno em torno de sua capela. Construíram-se nesta ocasião algumas choupanas nos lugares mais próximos à capela; muitos moradores foram se mudando para as proximidades, fazendo nascer o arraial com o nome de Nossa Senhora da Graça. Estando esta povoação nascente em território pertencente à Freguesia da cidade de Minas Novas.

Em 1.817, ordenando-se o Reverendo Pe. Camilo de Lélis Prates, quando celebrou a sua primeira missa nesta humilde capela e fixou sua residência nesta povoação. Assim, desde 1.817 a povoação de Capelinha ostentou a condição eclesiástica de curato, ou seja, localidade onde se congregava certo número de fiéis, assistidos por um Cura ou Sacerdote. Foi sob a iniciativa de padre Camilo que, ainda em 1.817, iniciou-se a construção de uma igreja mais sólida que, após alguns melhoramentos, abrigaria a Paróquia. A Matriz de duas torres, que se localizava exatamente na atual Matriz.

Nesta época o povoado de Capelinha havia cerca de 50 casas, das quais apenas umas quatro ou cinco eram cobertas de telhas; as demais eram cobertas com folhas de coqueiro ou capim. Os habitantes eram quase todos de cor, miscigenação dos macunis com negros agricultores, que se entregavam à agricultura, plantando feijão, arroz, milho e o tabaco. Sendo que a partir da segunda metade do século XIX, a fama dos bons fumos de Capelinha chegava a todos os rincões de Minas.

Sobre o Distrito de Senhora da Graça, têm pairado dúvidas sobre qual é a data da elevação de Capelinha à categoria de distrito, mas o distrito existiu de fato pelo menos desde 8 de março de 1.832 e, formal e implicitamente, com a Lei Provincial n.º 184, de 3 de abril de 1.840, por ser este o primeiro dispositivo legal que, presumindo a existência de uma porção territorial delimitada (a Aplicação e curato do arraial da Capelinha).

Em 1.858, o distrito da Senhora da Graça da Capelinha após adquirir pleno desenvolvimento social, político e econômico devido a grande corrida às matas de Alto dos Bois e bordas da Mata de Peçanha pelos colonos à procura de terras para cultivo, elevou-se à categoria de freguesia ou paróquia em 4 de Junho desse mesmo ano. Logo em seguida, 1859, o Padre Francisco Pereira da Luz em substituição do Pe. Camillo promoveu consideráveis melhorias na Igreja Matriz, tornando-a bela, confortável e digna de receber os fiéis e a celebração dos cultos. Celebrando em 14 de maio do corrente ano o primeiro casamento e o primeiro batizado.



Em 1.869, no atual Bairro Água Santa, duas crianças julgaram ter visto a imagem de Nossa Senhora da Graça refletida nas águas de um poço. Não fosse o Padre Luz um eclesiástico de escrúpulos, a cidade seria mais um santuário brasileiro a atrair fiéis como tantos outros atualmente visitados.

Para se avaliar a importância social e política da paróquia de Capelinha nesse terceiro quartel do século XIX basta citar a circunstância de ser no 6º Distrito Eleitoral a paróquia com maior número de eleitores (dezesseis), mais mesmo que a sede da comarca, que era Minas Novas, com treze eleitores. Integravam-se o 6º Distrito um total de 12 paróquias.

No final do século XIX a paróquia de Nossa Senhora da Graça da Capelinha era a mais populosa do município de Minas Novas e de todo o centro-nordeste de Minas, com 19.134 habitantes. Essa elevação se deu devido a movimentos migratórios, sobretudo em decorrência de uma inclemente seca, nos anos 1898 e 1899, “seca do noventinha”.

Sempre foi de fato abençoada a vida em Capelinha. Sua localização privilegiada no divisor de águas dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha proporciona-lhe clima e solo variados, de tal sorte que a inclemência das secas ocasionais nunca atinge o município de modo total e irremediável. No bom tempo dos tropeiros, de Capelinha saíam o bom fumo e o café para Diamantina e os sertões de Montes Claros.

A paróquia de Capelinha pertenceu ao Arcebispado da Bahia até 1.864, quando se criou o Bispado de Diamantina e a ele ficou subordinada.

A emancipação político-administrativa ocorreu com a Lei Estadual n.º 556, de 30 de agosto de 1.911, que criou 40 novos municípios, incluindo o de Capelinha. Desmembrando então, de Minas Novas. Evidencie-se que a divisão administrativa estadual de 1.911 envolveu critérios políticos. Isto se demonstra pelo próprio exemplo de Capelinha, que não preenchia os requisitos mínimos para emancipação, de conformidade com a Constituição Estadual de 1.891, no tocante à existência no distrito-sede de edifícios públicos apropriados ao funcionamento da Câmara Municipal, Cadeia e Instrução Pública. Por outro lado, para não contrariar frontalmente a Constituição Estadual, a Lei 556 previa em seu artigo 16 que os municípios por ela criados não poderiam ser instalados sem que satisfizessem essas exigências.

Postas as exigências legais para a instalação do município, os líderes do movimento emancipacionista mobilizaram-se com vistas ao seu atendimento, o que conseguem somente um ano e meio mais tarde. Pelo Decreto n.º 3.740, o governo do estado



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

marcou o dia 5 de novembro de 1.912 para as eleições à Câmara Municipal de Capelinha. Apuradas as eleições, instalou-se a Câmara em 24 de fevereiro de 1.913, composta dos seguintes vereadores: Antônio Pimenta de Figueiredo (Presidente), Jacinto José Ribeiro, Rosalvo Alves, Francisco Lopes, Isidoro Murta, Joaquim Batista da Silva e Vitorino Gonçalves de Meira.

Destacamos como batalhadores pela emancipação de Capelinha os senhores Antônio Pimenta de Figueiredo, Dr. Juscelino Barbosa e Jacinto José Ribeiro.

Para administração dos municípios, não havia o cargo de Prefeito Municipal, pelo menos até 1.930. O Presidente da Câmara acumulava o cargo de Agente Executivo. Assim, o senhor Antônio Pimenta de Figueiredo foi o primeiro Presidente da Câmara e também primeiro Agente Executivo Municipal de Capelinha, cargos que exerceu por três mandatos consecutivos, no período de 1.913 a 1.918.

Um fato importante para a vila de Capelinha foi a instalação do Grupo Escolar “Coronel Coelho”, em 1º de fevereiro de 1.915, que se localizava no atual Fórum.

A vila de Capelinha foi instalada em condições precárias de infra-estrutura geral. Faltavam-lhe condições mínimas de urbanismo, como água canalizada, rede de esgotos, calçamento de ruas, dentre outros. Em 1.916, dizia-se que a vila partia-se literalmente em duas: a do lado de lá e a do lado de cá do córrego Areão. Na parte de lá, observando-se o sentido de quem vinha de Diamantina, ficavam a Igreja Matriz e os edifícios mais altos: grupo escolar, Paço Municipal e Cadeia (estes dois últimos na atual Praça Bueno Brandão). Eram tão parcas as condições de higiene e saúde públicas, que a famosa “gripe espanhola” de 1.919 “derrubou” quase dois terços da população, incluindo algumas professoras, o que impossibilitou o professor Antônio Lago de efetuar em janeiro as matrículas para o Grupo Escolar. A epidemia só foi considerada sob controle em 14 de fevereiro daquele ano.

15 de novembro de 1.917 nascia em Capelinha a União Operária Beneficente, uma entidade de fachada que congregava políticos como Jacinto José Ribeiro, seu primo Jacinto Ribeiro, Augusto Barbosa, Raul Coelho da Silva, Tristão Gonçalves Sena, dentre outros.

As forças políticas congregadas pela União Operária de Capelinha tiveram como catalisador a atuação do Dr. Juscelino Barbosa, à frente da poderosa Secretaria do Interior, durante a gestão do Governador Fernando Melo Viana.

A elevação a Cidade, no caso de Capelinha, a Lei Estadual n.º 663, de 18 de setembro de 1.915, já havia elevado o município à categoria de termo judiciário, mas sua instalação só se deu em 31 de janeiro de 1.926, em cumprimento a um Decreto



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

de 7 de Dezembro de 1.925. Igualmente equivocada foi a decisão de nossas autoridades municipais ao estabelecerem o dia 10 de setembro como data máxima do município. Era tão grande o seu afã pela elevação de Capelinha à categoria de cidade que, editada a lei 893, apegaram-se àquela data. Esse equívoco só foi corrigido na gestão do Prefeito Dr. Pedro Vieira da Silva (1.993 – 1.996), através da Lei Municipal n.º 954/95, de 20 de dezembro de 1.995. Por ela, mudou-se de 10 de setembro para 24 de fevereiro, tendo-se como referência o ano de 1.913, a data de emancipação política e administrativa do município.

Não havia nessa ocasião o regime de Prefeituras, só instituído em 1930 por Getúlio Vargas, e os municípios eram administrados por um Agente Executivo Municipal. O primeiro Prefeito Municipal, nomeado após a Revolução de 1930, foi o senhor Jacinto José Ribeiro.

Começa em Capelinha a **Era Jacintiana**. com a nomeação do Coronel Jacinto José Ribeiro a Prefeito Municipal de Capelinha, liderando até 1950. Marco de muitos fatos importantes para a história capelinhense, principalmente para a obras de infra-estrutura geral por ele realizadas: em 1937 construiu o campo de aviação desta cidade, onde promoveram treinamento de pilotos do Correio Aéreo Nacional e linhas fixas de passageiros exploradas pela Aerovias Brasil. Por seus esforços abriram a estrada que liga Capelinha a Diamantina em 1938, chegando nesse ano o primeiro veículo na cidade, um caminhão. Em 1940 concluiu a construção de estrada Capelinha – Água Boa. Também no final da década de 30 realizou obras de infra-estrutura geral: abastecimento de água canalizada; construção de pontes nas estradas; implantação de escolas no distrito de Água Boa e nos povoados de São Caetano, Vila dos Anjos (atual Angelândia) e vários pontos do meio rural; calçamento de ruas centrais da cidade, instalação do Banco hipotecário e Agrícolas de Minas Gerais (atual BEMGE), etc. A instalação da Comarca de Capelinha ocorreu no 3º mandato de Jacinto José, a 15 de novembro de 1948, compreendia o município – sede e mais tarde o de Água Boa, situação que prevalece até hoje. No ano seguinte foi inaugurado o serviço de força e luz da cidade, fornecida pela usina de Fanadinho, cuja potência era de 70.000 Kw/h.

Afinal Jacinto José se tornou uma espécie de mito para os seus contemporâneos. Os 20 anos em que esteve pessoalmente gerindo os destinos do município permitiram-lhe trazer ao conhecimento e usufruto da gente capelinhense as dádivas do progresso: a água encanada, a escola pública, o primeiro automóvel, o primeiro avião, a energia elétrica... O título do Coronel, há muito ostentado, seu caráter enérgico e empreendedor imprimiram no inconsciente popular um misto de medo, respeito e admiração.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr. Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Na década de 50 Capelinha conheceu aquele que foi indiscutivelmente, o Prefeito Municipal mais operoso de sua história: José Carlos Ribeiro, o popular Zezito, filho do Cor. Jacinto José.

Entre o volume de obras por ele realizadas citamos as melhorias e ampliação dos meios de comunicação: restaurou a malha rodoviária existente e construiu a rodovia de ligação com o município de Malacacheta, possibilitando dessa forma a ligação também com Teófilo Otoni e a BR 116, a Rio-Bahia. Dotou o aeroporto local de condições técnicas para pouso e decolagem, fazendo aumentar o número de vôos semanais. Construiu o prédio da atual agência dos correios e telégrafos e viabilizou a extensão do correio Aéreo Nacional até Capelinha. No setor educacional, negociou a participação da Prefeitura na Sociedade Anônima Ginásio de Capelinha, educandário criado em 1.954 e dois anos mais tarde encampado pelo município. Várias escolas rurais também foram criadas. Na área de saúde, o município fez parceria com a Sociedade São Vicente de Paulo para construção do atual Hospital Municipal, também encampado mais tarde pelo município. Zezito executou ou iniciou muitas obras de saneamento e infra – estrutura geral, com uma atuação tal para canalizar recursos para o município. Serviço de abastecimento de água tratada e canalizada, com projetos técnicos elaborados e acompanhados por engenheiros qualificados; esses mesmos serviços de abastecimento de água são levados aos povoados de São Caetano e Vila dos Anjos; calçamento das ruas Rio Branco e Água Boa; construção da cadeia pública; extensão do telégrafo até Vila dos Anjos; Instalação e inauguração da agência do Banco do Brasil, a 28 de outubro de 1.958, a primeira de todo o centro – nordeste mineiro; instalação de escritório e armazém da CASEMIG, na época, uma espécie de cooperativa patrocinada pelo estado e localizada no prédio hoje ocupado pela Acesita Energética.

Enfim, a gestão do Prefeito José Carlos Ribeiro foi tão realizadora que, tendo a revista O Cruzeiro realizado um concurso de destaques municipais, concedeu a Capelinha o diploma de Honra ao Mérito, por ter sido um dos cinco municípios brasileiros de maior progresso, considerando o volume de obras realizadas no ano de 1.955. Nessa ocasião, esta modalidade de concurso revestia-se de real credibilidade, pois os índices de crescimento que hoje têm um crivo político de avaliação, foram verificados por um instituto americano de pesquisas econômicas.

Em 1958, ainda nessa Era, realizavam-se os festejos de comemoração do centenário da Paróquia de Nossa Senhora da Graça da Capelinha. Lembrando que parte das festividades ocorreu na capela de São Vicente de Paulo, de vez que a antiga Matriz, de duas torres, fora demolida em 1.952 pelo padre José Batista dos Santos, ano em que também se lançou a Pedra Fundamental da atual Igreja Matriz.

A Era Jacintiana finalizou em 1.963, quando toma posse como Prefeito Municipal, Gotardo Pimenta de Figueiredo.



Nas Décadas de 70 e 80, houve o progresso material do município, bem como, a salvação da lavoura. Em 1º de agosto de 1.973, o Prefeito Gotardo Pimenta assinou convênio com o governo estadual tendo por objeto a implantação em Capelinha de um escritório da Associação de Crédito Agrícola Rural – Antiga ACAR e atual EMATER. Em 1.975, um Grande projeto agrícola aporta no município sob os auspícios da Florestal Acesita (atual Acesita Energética). Tratava-se de plantios de eucalipto em escala industrial, com subsídios e incentivos fiscais advindos do estado. A Acesita adquiriu terras da Municipalidade e de particulares, plantando em Capelinha e municípios vizinhos a maior floresta artificial em faixa contínua do planeta. Somente nos trabalhos do preparo do solo, plantios e tratos culturais, foram oferecidos cerca de 5 mil empregos diretos.

A experiência da implantação da lavoura cafeeira nos cerrados do município, iniciada em 1.976 pela iniciativa de empresários do sul de Minas e São Paulo, foi bem sucedida. Já em 1.979, é colhida a primeira safra cafeeira, suficiente o bastante para que os empresários do setor augurassem boas perspectivas, de tal modo, que promovem, no período de 2 a 9 de setembro daquele ano, a Primeira Festa do Café. Já se projetava para a safra do ano seguinte algo em torno de 80.000 sacas beneficiadas.

A atividade econômica municipal passou a ser polarizada pela silvicultura e cafeicultura. O intenso negócio de propriedades rurais fez subir o valor comercial das terras. O comércio em geral se dinamizou, proporcionando também novas oportunidades de emprego. Houve um considerável êxodo da população do campo para a cidade, em sua maior parte desfazendo-se das propriedades para viver do trabalho assalariado.

Fez sentido o codinome de “**Cidade do Café**” atribuído a Capelinha, se atentarmos para os seguintes números: em 1.980, o município atingiu 4.960.800 de pés produtivos, numa área plantada de 2.176 hectares; cinco anos mais tarde, eram cerca de 12.000.000 de pés, numa área de 5.727 hectares; atualmente, são cerca de 36.000.000 de pés de café, numa área de aproximadamente 13.000 hectares.

Atualmente o município, é hoje um dos maiores produtores de café do Estado, com uma produção anual de 300.000 Sacas, um micro clima ideal não só para a cultura do cafeeiro mas para várias outras como : Frutas , milho, feijão, hortaliças, mandioca , cana e pastagem. A Feira-Livre aos sábados é um bom exemplo disso , uma das maiores da Região, onde são comercializados centenas de produtos trazidos das comunidades Rurais pelos Agricultores . O município possui diversas categorias de produtores sendo que a grande predominância são de Agricultores Familiares. Possui ainda, em torno de 20 fabriquetas de doce de leite, queijo,



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

queijão e iogurte ; indústrias caseiras de alimentos que trabalham com farinha de milho, de mandioca e polvilho, fabricação de rapadura, cachaça e açúcar mascavo. Além disso, no município possui em torno de 40 torrefações de café .

Do aquecimento da economia municipal proveio um desempenho positivo nas finanças públicas: a receita líquida do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS – e o Fundo de Participação dos Municípios – FPM – atingiu um bom incremento, o mesmo ocorrendo aos demais tributos. Em 1.990, Capelinha já figurava entre os 1.000 municípios mais desenvolvidos do Brasil, ocupando a 933^a posição, justamente em decorrência do crescimento de receitas públicas.

Hoje, esgotadas as glórias do grande volume de empregos oferecidos pela Acesita, que após o processo de privatização fez dispensa em massa de trabalhadores, discute-se na região o custo social do efêmero e relativo progresso que esta empresa proporcionou. Revendo o caso específico de Capelinha, lebramo-nos de que até meados da década de 70, a cidade era um pequeno aglomerado que mal atingia a metade dos morros do vale do Córrego Areão. A população levava uma vida pacata, mal conhecia os primeiros aparelhos de TV e tendo nos festejos religiosos, ou mais amiúde na missa dominical, sua opção de lazer. O comércio era incipiente, concentrando suas vendas a produtos não existentes internamente como macarrão, açúcar, trigo, sal, biscoito industrial, tecidos, latarias e ferragens. A feira do Mercado Municipal encarregava-se de suprir os lares com feijão, arroz, milho, rapadura, legumes e frutas. Havia apenas 3 escolas na sede municipal e a oferta de ensino de segundo grau só começara em 1.968. Eram poucas as vias urbanas dotadas de calçamento, serviços de água e esgoto. No campo, a situação não era melhor, predominando a agricultura de subsistência que não conhecia técnicas como sementes geneticamente melhoradas, adubos, inseticidas, o plantio em curvas de nível, terraciamento para combate à erosão, a irrigação artificial, etc. A população padecia com endemias e doenças plenamente curáveis ou evitáveis. A eletrificação, deficiente na cidade, inexistia no campo. Finalmente, lebramos que, historicamente, a população do município sempre se concentrara no meio rural: em 1.920, eram apenas 12.000 habitantes (excluindo-se o distrito de Água Boa), com cerca de 90% dessa população vivendo na zona rural; em 1.970, meio século depois, o IBGE apontava 19.646 habitantes, sendo 15.214 na zona rural e apenas 4.432 na cidade.

Veremos uma verdadeira revolução na vida e nos costumes da população capelinhense, com o advento da Acesita e da lavoura cafeeira. O êxodo rural foi tão grande, que já no início da década de 80 havia na cidade um bairro inteiro de população tipicamente operária, formada por trabalhadores da Acesita e das lavouras cafeeiras. A cidade cresceu num ritmo acelerado, alcançando os planaltos e se estendendo em novos bairros. A população atinge, em 1.980, os 24.000 habitantes, dos quais 11.000 residiam na sede urbana. O comércio diversificou-se em casas de

revenda de materiais para construção, ferragens e ferramentas, serrarias, serralherias, oficinas mecânicas, bares, lanchonetes, casas de diversão noturna... A Feira-Livre aos sábados já não era suficiente para cobrir a demanda por alimentos. Prolifera, então, um grande número de supermercados e mercearias que revendem gêneros trazidos da CEASA, em Belo Horizonte. Os agricultores que outrora ostentavam a condição de proprietários, pequenos empregadores e produtores submeteram-se na cidade à condição de inquilinos e consumidores de gêneros comprados nos supermercados com o dinheiro de seu trabalho assalariado. O poder público vê-se forçado a batalhar por recursos destinados a obras de infra-estrutura e de serviços cuja demanda sofrera enorme pressão: água canalizada, rede de esgoto, eletricidade e telefone. O crescimento populacional decorrente do afluxo de pessoas não só do campo, mas também de municípios vizinhos e de outras regiões do estado e do país passa a exigir serviços como hotelaria, mais escolas e creches para as crianças de mães operárias. A cidade ver-se-á atormentada com problemas de complexa solução como a evasão escolar, por ocasião das colheitas de café, o consumo de drogas, a prostituição...

Finalmente, não poderíamos deixar de abordar o **impacto ambiental** que o direcionamento da economia municipal para a agricultura provocou. Se, atualmente, convive-se na sede urbana com problemas como a erosão, o lixo, os esgotos domésticos, a poeira, a falta de arborização e benfeitorias urbanísticas, não se esqueça de que no campo também há sérios problemas. O avanço da monocultura cafeeira e silvicultural, ocupando mais de 30% das terras municipais, somado às áreas ocupadas com pastagem dão como resultante apenas cerca de 10% de terras ocupadas por florestas, matas e campos naturais.

Os grandes empreendimentos agrícolas foram, via de regra, implantados com técnicas modernas. Mesmo assim, inquieta-nos saber que, somente em 1.985, havia 129 tratores agrícolas operando no município, muitos deles em mãos inábeis. A “febre do café” contagiou os pequenos produtores que, desprovidos de capital e técnica, levaram a efeito seus plantios, ocasionando o empobrecimento das terras, a contaminação por agrotóxicos, dentre outros males. No meio rural de Capelinha existe ainda um considerável número de pequenos produtores que praticam a agricultura de subsistência, com deficiente ou nenhuma técnica moderna. É preocupante constatar que ali ocorrem queimadas e desmatamentos juntamente aos mananciais hídricos, práticas abomináveis e simbolizadoras de atraso, que só diminuíram de intensidade graças ao trabalho de educação conservacionista desenvolvido pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF – e pela Acesita, além de uma legislação florestal de caráter restritivo e punidor.

Um bom legado da década de 80 foi a inauguração da rodovia pavimentada que liga Capelinha à capital do estado via cidade de Guanhães. As obras de



asfaltamento foram inauguradas em 6 de junho de 1.988, pelo então Governador Newton Cardoso. Era Prefeito Municipal de Capelinha o senhor Domingos Pimenta de Figueiredo.

Quem quiser entender integralmente os problemas **sócio-econômicos** com que se debate atualmente o município de Capelinha terá, necessariamente, que empreender essa viagem ao passado. Só assim compreenderá as variáveis do atual contexto em que o advento do Real como moeda e as novas regras econômicas impuseram aos municípios um desleal aperto fiscal e contábil. Se em 1.980 era difícil equacionar os problemas de um município com 24.000 habitantes, imagine hoje, quando sua população total ultrapassa os 30.000 habitantes e na sua sede urbana se avizinha dos 20.000.

No tocante às questões culturais, Capelinha deixou muito a desejar no seu passado, como exemplo a publicação de jornais impressos que veio a existir só recentemente. Atentamos também para o fato de que a cidade era dotada de um rico e admirável patrimônio arquitetônico edificado no século passado, tendo sido paulatinamente e de forma deliberada destruído pela mão das próprias autoridades municipais. Ocorrendo a maior voracidade contra o mesmo nas décadas de 70 e 80. A partir de 80 a 90, a Casa da Cultura e Grupo de Teatro de Capelinha desenvolveu um árduo trabalho de conscientização da necessidade de se valorizar e preservar a cultura local. É um fato curioso constatar que o movimento cultural desencadeado pela Casa da Cultura conseguiu sensibilizar levas de pessoas de todas as regiões de Minas Gerais e do Brasil, atraídas principalmente pela Semana da Cultura promovida anualmente em janeiro.

Atualmente, a sua cultura, o folclore, seus costumes, suas raízes ainda prevalecem e o seu acervo arquitetônico e urbanístico é bastante significativo, contendo exemplares característicos dos estilos colonial, art-decó e eclético, já existindo uma política cultural municipal com orientações do IEPHA – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

No Turismo, é considerada uma cidade pólo regional atraindo turistas diariamente. Nas comunidades rurais, predomina o associativismo que busca o desenvolvimento sustentável e a preservação dos valores culturais e folclóricos, danças, artesanato, comidas típicas, produtos orgânicos e caseiros. Dentre outros, destacam-se as indústrias rudimentares. As **Festa populares e religiosas atraem um intenso volume de turistas**: Festa do Divino (junho); Festa de São José (maio); Semana Santa; Festa de Santo Antônio (junho); Festa São João, São Pedro, (junho), Festa de São Vicente (Abril), Forró do Bode; Capelinhense Ausente e Festa do Café (julho); Folia de Reis, Folia de São Sebastião, Semana da Cultura (janeiro), Simpósio do Café (setembro); Marombas; Marujadas, etc.



Quanto aos aspectos geográficos o município de Capelinha localiza-se no alto Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. Sua sede municipal situa-se nas coordenadas 17°45'18" de latitude sul e 42°28'15" de longitude pelo Meridiano de Greenwich, numa altitude de 840 metros, a 286 Km em linha reta de Belo Horizonte. Tem como limites, a leste, o município de Angelândia, a oeste, Itamarandiba; ao sul, Água Boa e São Sebastião do Maranhão; ao norte, Minas Novas e Turmalina; a noroeste, Veredinha e a sudoeste, Aricanduva. Sua área total, antes da criação do município de Angelândia, era de 1.397 Km², ficando-lhe uma área remanescente em torno de 1.100 Km².

Cerca de 50% do território municipal possui relevo montanhoso, alcançando uma altitude de até 1.210 metros. Os outros 50% do território são constituídos de vastos planaltos ou chapadões, cobertos de campos naturais, florestas plantadas e lavouras de café.

A rede hidrográfica apresenta como mananciais de maior destaque os rios Itamarandiba, Fanado, São Lourenço e os ribeirões Fanadinho, Sena e dos Francisco.

O município é servido principalmente pelas rodovias MG-120, MG-214 e MG-308. Possui um aeroporto com pista encascalhada, numa extensão de 1.200 metros.

B. Histórico do local onde ocorre a manifestação e sua contextualização na história municipal

A Feira-Livre de Capelinha está presente no cotidiano dos moradores, desde tempos remotos. Sua origem relaciona-se às atividades dos tropeiros que escoavam mercadorias das fazendas para as cidades, vilas e povoados próximos, trazendo produtos não encontrados na região. Devido às longas distâncias, havia pontos estratégicos de paradas das tropas. Em Capelinha, existiam os pastos para descanso dos animais e os ranchos, estabelecimentos particulares, localizados em diversos pontos da cidade. Estes ranchos recebiam o nome de seus proprietários e eram utilizados para descarga e vendas das mercadorias trazidas pelos tropeiros, configurando-se em importantes locais de negócios e encontros. Posteriormente, com a expansão da agropecuária local, os ranchos também eram utilizados pelos produtores rurais que, a cavalo ou no lombo de burros e mulas, traziam suas mercadorias para venda e compravam aquelas trazidas pelos tropeiros.

Ressalta-se que à época, os acessos eram precários, não havia estradas e automóveis e os animais configuravam a única forma de transporte. Deste modo, as feiras acontecidas nos ranchos não representavam somente a oportunidade de aquisição de produtos para as necessidades básicas da comunidade, mas também o encontro

com amigos e parentes, o encontro do campo com a cidade, com a novidade, com o diferente.

As feiras-livres ocorreram nos ranchos até a década de 1960 quando foi construído o primeiro mercado municipal público, na praça Castelo Branco, onde hoje é a Rodoviária. Na década de 1980, devido à necessidade de ampliação do espaço, construiu-se um novo Mercado Municipal, local de ocorrência da Feira atualmente, situado no vale do ribeirão Areão que corta a cidade, entre as ruas Clovis Pimenta Figueiredo e Geraldo Prisco.

O local escolhido para a implantação do edifício era ocupado por quintais dos terrenos localizados à avenida Governador Valadares e à rua das Flores, delimitados pelo ribeirão.

Característica da vegetação de cerrado, ao longo do córrego, havia uma exuberante mata ciliar que cortava a cidade, conforme atesta a fotografia de meados do século XX, retirada do Livro de Tico Neves, *No Tempo das Gabirobas*.

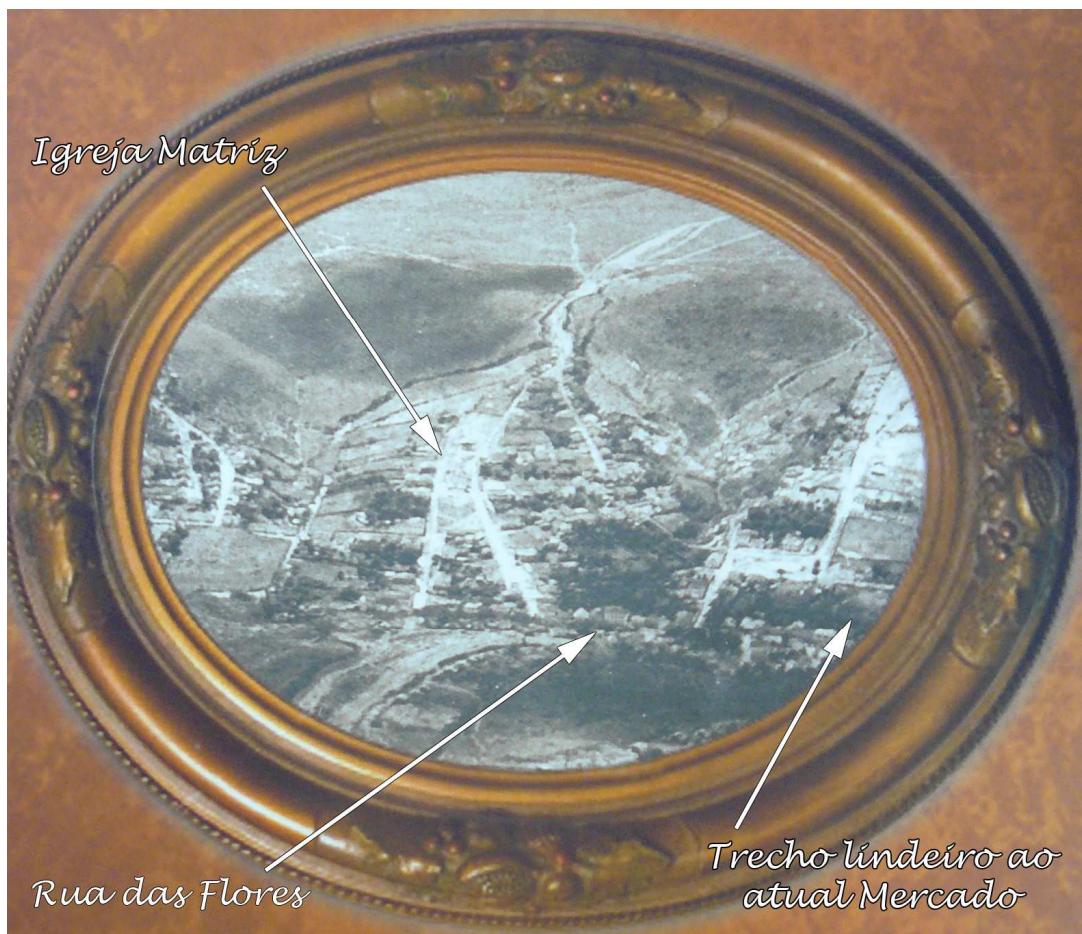


Figura 01 – Foto retirada da capa do Livro *No Tempo das Gabirobas*.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr. Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Segundo relatos de moradores, à época da construção do mercado, a mata já havia sido suprimida e o local configurava-se como um terreno brejoso, forrado por gramíneas e capim. “Aqui era tudo mato, um atoleiro só” afirma Sebastião Valério de Oliveira.

Para a edificação do Mercado foram necessárias obras de canalização do córrego e assoreamento das áreas brejosas. Duas vias públicas, denominadas de alas, foram abertas para viabilizar a circulação e acesso ao mercado, a Ala Beira Rio e a Ala Jatobá. A primeira separa o mercado das edificações limítrofes, a segunda constitui via de acesso ao edifício principal do mercado e também aos açougues lindeiros.

O Mercado foi construído em dois edifícios. O principal possui partido do tipo galpão em alvenaria e cobertura de estrutura metálica. O segundo integra os açougues para venda de carnes e produtos que demandam refrigeração. Posteriormente foram construídos banheiros públicos e coberturas anexas aos edifícios.

Atualmente, a Feira ocorre também nas áreas externas do mercado, ocupando inclusive as vias públicas, especialmente a Ala Beira Rio e a rua Geraldo Prisco.

A Feira-Livre de Capelinha é local onde se desenvolvem as atividades de produção, comercialização e consumo de bens de diferentes naturezas. É também o local onde ocorrem as relações sociais, de trabalho, de convívio, de expressão cultural do capelinhense. Conforme relembra Maria Sant Anna, diretora do IPHAN:

As feiras e os mercados, por tudo isso, são verdadeiros complexos de bens culturais que congregam diversos ofícios e modos de fazer; que abrigam ou suscitam organizações espaciais, soluções construtivas e de design freqüentemente originais, e para onde convergem saberes e formas de expressão as mais variadas. Por isso, as feiras e mercados têm muito a dizer e a informar sobre a vida, os hábitos, a alma e a cultura de um povo. Não é por outra razão que muitos viajantes afirmam que uma das melhores maneiras de conhecer uma cidade ou um país é freqüentar suas feiras e mercados².

É por isso, que a Feira-Livre de Capelinha não é apenas o espaço da troca e do convívio, mas, é, verdadeiramente, o *Lugar*, caracterizado por sua singular identidade. Identidade esta formada pelas diversas expressões e manifestações culturais, antigas e atuais, das comunidades de Capelinha e região, e pela maneira como cada cultura se relaciona com o próprio ambiente da Feira.

² SANT'ANA, Márcia. PARECER Nº 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE



C. A Feira-Livre de Capelinha

1. Antecedentes históricos

As feiras-livres sempre fizeram parte da história da humanidade: são fenômenos sócio-econômicos muito antigos, que desde os primórdios estavam ligadas ao comércio, às festividades religiosas e aos dias santos. Não se sabe ao certo onde e quando apareceu a primeira feira, no entanto, há dados que nos permitem afirmar que em 500 a.C. já havia feiras no Médio Oriente, nomeadamente em Tiro, cidade conhecida por sua tradição no comércio.

No Brasil elas estão presentes desde o tempo da colônia. Ocorriam informalmente nos portos, com vendas de pescados e outros produtos. Em 1771, o Marquês do Lavradio, 3º Vice Rei do Brasil, regularizou a atividade, autorizando o funcionamento de mercados de alimentos nas ruas. Atualmente, as Feiras estão presentes nas grandes e pequenas cidades e comercializam as mais variadas mercadorias: alimentos, flores, artesanatos, antiguidades, eletrônicos, etc. Em muitos lugares elas são o principal e, às vezes, o único local de comércio da população, especialmente de baixa renda. Por vezes, funcionam como centros culturais e de lazer.

Em Capelinha, como em várias outras cidades do estado de Minas Gerais, a feira livre está presente e desempenha importante papel, não somente no comércio e cultura do município, mas também nas regiões vizinhas.

A história da feira livre de Capelinha, que sempre ocorreu aos sábados e que hoje conta 533 produtores cadastrados, bares e trailers reunidos em um só local, o Mercado Novo, remonta às primeiras décadas do século XIX. Segundo o historiador capelinhense José Carlos Machado, Capelinha, até a década de 1970, foi uma cidade pequena e com crescimento modesto, concentrando aproximadamente 75% de sua população residindo na zona rural. Os produtos básicos de alimentação, produzidos pelos fazendeiros eram comercializadas nas feiras-livres, pois o comércio apenas oferecia produtos que não eram fabricados na região como produtos industrializados, ferramentas, sal, querosene, ferragens. Elas aconteciam em propriedades particulares denominadas ranchos. Estes locais também eram utilizados pelos tropeiros para venda de suas mercadorias, trazidas de cidades como, Minas Nova, Aricanduva, Itamarandiba, Carbonita e também do sul da Bahia.

Os ranchos levavam o nome dos seus proprietários. Assim, tínhamos o “Rancho Piuzinho”, “Rancho do Tininho” ou “Rancho do Tinin Pimenta”, “Rancho do Major

Batista", "Rancho do Bernardo Pimenta" e o "Rancho do Jacinto José" o mais antigo rancho que ficava na Rua Coronel Jacinto José, mais conhecida como Rua das Flores. Assim, nesta época, havia cinco Feiras-livres que ocorriam simultaneamente em Capelinha.

Os fazendeiros chegavam à cidade na sexta-feira a noite com seus animais carregados de mercadorias, arranchavam, preparavam suas comidas em trempes e dormiam no próprio rancho. Ao amanhecer expunham suas mercadorias em lonas e sacos abertos no chão, que segundo relatos, era de terra batida. Moradores de municípios vizinhos também vendiam seus produtos nos ranchos, como relata D. Seluta: seu o pai viajava por 3 dias, a cavalo, de Turmalina a Capelinha, trazendo panelas e utensílios de barro fabricados por sua esposa.

Frequentemente o espaço dos ranchos eram pequeno e a Feira estendia pela rua, num burburinho de pessoas, animais e mercadorias, como atestam as fotografias antigas.



Fotos da Feira-Livre na rua das Flores – Rancho do Jacinto José – ressalta-se a convivência de tropas, animais, feirantes, mercadorias e visitantes. Fonte: Tico Neves.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

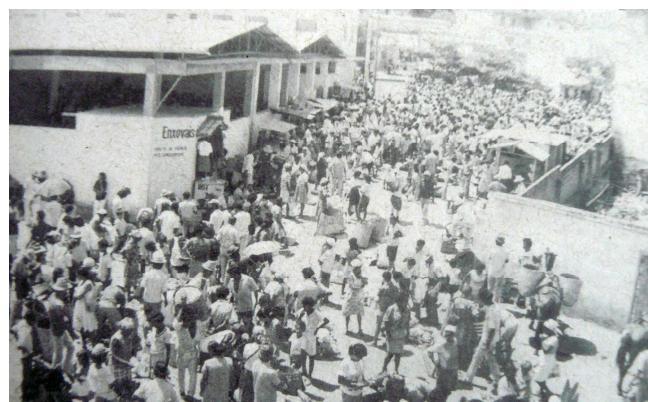


Fotos da Feira-Livre na rua das Flores – Rancho do Jacinto José – ressalta-se a convivência de tropas, animais, feirantes, mercadorias e visitantes. Fonte: Tico Neves.

Alguns nomes de fazendeiros e tropeiros que comercializavam nessas feiras livres estão registrados no livro Casos, Lendas e Lorotas do Jequitinhonha. São eles: Nicodemos Evaristo, Manoel Preto, Ângelo Campos, Branco, João Arlindo (pai de Zé Batatinha), Tião Arlindo, José Neves, Serafim Carvalho, Tição, Gerson Martins, Zezinho de Arlindo, Seu Mingo, Silvio Pimenta, Bertulino, Clemente Azevedo.

Algumas peculiaridades da feira, em suas primeiras décadas, ficam por conta do escambo que era realizado entre os feirantes. No fim de cada feira, a sobra, ou seja, os produtos que não eram vendidos, viravam moeda de troca.

O rancho do Coronel Jacinto José Ribeiro abrigou a “Feira da Rua das Flores” até os primeiros anos da década de 1960, quando o prefeito à época, Sr. Gotardo Pimenta construiu um mercado público municipal localizado na Praça Castelo Branco, que reuniu todos os feirantes e funcionou até a década de 1980. Hoje nesse local funciona a rodoviária.





Fotos da Feira-Livre na Praça Castelo Branco – Mercado Municipal – ressalta-se a presença de veículos em substituição aos animais. Fonte: Tico Neves.

No final da década de 1980, construiu-se o Novo Mercado Municipal, às margens do ribeirão Areão, que corta a cidade, entre as ruas Clovis Pimenta Figueiredo e Geraldo Prisco, área central de Capelinha. Para a edificação do Mercado foram necessárias obras de canalização do córrego e assoreamento das áreas brejosas. Duas vias públicas, denominadas de alas, foram abertas para viabilizar a circulação e acesso ao mercado, a Ala Beira Rio e a Ala Jatobá.

A feira foi transferida para este novo local que passou a abrigar um setor específico para os açougueiros e bares de alimentação. Os feirantes expunham as mercadorias em bancas e barracas improvisadas por eles próprios e em lonas estendidas ao chão.

Nas décadas de 1970 e 1980, Capelinha viveu um período de desenvolvimento econômico e de crescimento urbano, propiciado pela instalação da Acesita e pela implantação da lavoura cafeeira. A atividade econômica municipal passou a ser polarizada pela silvicultura e cafeicultura. O intenso negócio de propriedades rurais fez subir o valor comercial das terras. O comércio em geral se dinamizou, proporcionando também novas oportunidades de emprego. Imigrantes oriundos de cidades próximas vieram residir em Capelinha. Houve um considerável êxodo da população do campo para a cidade, em sua maior parte desfazendo-se das propriedades para viver do trabalho assalariado, diminuindo a oferta de produtos na feira. A melhoria dos acessos e dos meios de transporte beneficiou o traslado de mercadorias e o deslocamento das pessoas, que por um lado beneficiou a feira, por outro, aumentou a concorrência dos armazéns e supermercados que passaram a ter maior acesso às mercadorias, inclusive, os hortifrutigranjeiros que passam a ser vendidos nesses estabelecimentos, uma vez que a Feira não supria a demanda do novo contingente populacional na cidade.

Entretanto, mesmo com a diminuição dos produtores e o estabelecimento destas mudanças nos hábitos de consumo, a Feira de Capelinha permaneceu relevante como expressão cultural de seu povo, pois além de ser um importante ponto de escoamento da produção agrícola local, sempre foi a oportunidade de consumo para boa parte da população residente na zona rural. De fato, com o dinheiro da venda na feira, o produtor rural realiza suas compras, adquirindo mercadorias que não produz, objetos, roupas, utensílios, na própria Feira e também no comércio da cidade. Além deste valor econômico e social, a Feira-livre é dotada de significados e símbolos que interligam a memória de cada freqüentador. Ir à feira e fazer compras envolve muito mais do que o simples ato de comprar. A feira tem uma atmosfera própria, uma dinâmica que não se encontra dentro de armazéns e supermercados. É o local do encontro e do lazer, das conversas e causos, do olhar, dos saberes, dos cheiros dos temperos e ervas, da medicina e da expressão artística popular, das comidas típicas, dos hábitos e costumes, do cotidiano da população. E, por falar em expressão popular, alguns dos personagens mais conhecidos da feira, são três irmãos deficientes visuais, Luiza, Joaquim e Pedro, que durante décadas alegraram as manhãs de sábado tocando e cantando modas de viola e músicas próprias na feira para ganharem alguns trocados.



Luiza e Joaquim na Feira-livre aos sábados.
 Fonte Tico Neves

O Município de Capelinha continua a ser eminentemente agrícola, e os poderes públicos têm contribuído para o constante desenvolvimento de atividades agropecuárias e da manutenção do homem no campo. Os diversos programas federais e as ações promovidas pela Prefeitura Municipal, nos últimos anos, promoveram o aumento da produção agrícola e, logo, da própria feira, tornando a Feira-Livre de Capelinha a maior de toda a região.

Dentre estas ações, destaca-se o PRONAF B, programa do Governo Federal, que oferece empréstimos ao agricultor familiar com juros de 2,5% ao ano, a serem pagos



em duas parcelas anuais. Ao pagar o débito em dia, o agricultor ganha um desconto de 20% no ato de quitação do empréstimo.

Os pequenos agricultores familiares do município também contam com recursos financeiros do Orçamento Geral da União, através do Ministério da Agricultura e Abastecimento que, por meio de programas desenvolvidos pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, recebem empréstimos, orientações e cursos. Um desses Programas é o PAA, uma modalidade de doação simultânea. De acordo com o site oficial do Ministério o

PAA tem por objetivo incentivar a agricultura familiar, compreendendo ações vinculadas a distribuição de produtos agropecuários para pessoas em situação de insegurança alimentar, sendo constituído por instrumentos que permitem a estruturação e o desenvolvimento da agricultura familiar³.

Assim, os agricultores cadastrados podem vender até o montante de R\$3.500,00 por ano para a CONAB. Os produtos adquiridos pelo programa são distribuídos para as escolas e população carente. A EMATER-MG, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, criada em 1948, vem desde então promovendo ações que visam auxiliar na promoção do setor rural do estado, também esteve e está presente nas atividades auxiliares desenvolvidas para os pequenos agropecuaristas da cidade.

No âmbito municipal, a Prefeitura vem desenvolvendo ações de incentivo e apoio aos agricultores familiares. Há cerca de 7 anos instituiu o “Transporte de Feirantes” ou “Projeto Feirante”, fornecendo transporte gratuito aos feirantes no dia da Feira. Por meio de uma consulta aos produtores foi decidido, como meio de transporte, o ônibus, que na sexta a noite e no sábado de madrugada percorre as principais vias de acesso da zona rural do município. São ao todo 34 veículos e, apesar desse serviço ainda não abranger todos os feirantes, mesmo porque parte significativa deles pertencem à outros municípios, a iniciativa tende a impulsionar e garantir o funcionamento da feira.

Na mesma época, a Prefeitura assumiu a organização do espaço físico da Feira-Livre, cadastrando os feirantes, fornecendo e sorteando bancas para exposição das mercadorias, construindo banheiros públicos e fazendo um jardim na entrada do Mercado. Com as bancas, os produtores podem guardar mercadorias e seus pertences pessoais. Assim, muitos preferem trazer os produtos na sexta-feira, para chegar bem cedo ao mercado no sábado.

³ Disponível no site www.agricultura.gov.br



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Com o aumento do número de produtores, a feira se expandiu para além dos limites dos edifícios do mercado, ocupando também suas áreas externas lindeiras, inclusive as vias ao redor. Também se expandiram as categorias de mercadorias na feira, sendo comercializados produtos industrializados como roupas, bijouterias e brinquedos do Paraguai. Embora a incorporação destes novos produtos “estranhos” à tradição da feira, ela mantém seu vínculo com os consumidores e continua sendo:

um espaço onde saberes, ofícios, modos de fazer e expressões tradicionais encontram mercado e, consequentemente, condições de permanência. Saberes relacionados à medicina popular e ao conhecimento dos usos de ervas e plantas; ofícios relativos à confecção de utensílios e objetos de flandres, de couro, de barro, de pano tecido à mão, de palha, de vime; modos artesanais de fazer farinha, gomas, doces, bolos e outras comidas [...]; produtos como o fumo de rolo; criações e expressões artísticas populares como o artesanato figurativo de barro, o cordel, as bandas de pífanos, a poesia, a música e o canto dos emboladores e repentistas encontram, ainda, na feira [de Capelinha] um espaço importante para continuarem existindo e se reproduzindo. A feira ajuda a manter vivos esses bens culturais – bens que, por sua vez, agregam valor cultural à feira e aos demais produtos que aí são expostos e comerciados.⁴

Atualmente, a Prefeitura está desenvolvendo um projeto que visa a ampliar o mercado e sanar alguns problemas já detectados. Um galpão será construído na área externa do mercado para abrigar as barracas dos produtos industrializados e trailers, deixando o galpão principal exclusivo para as bancas tradicionais. Da mesma forma, os bares não possuirão comunicação com o interior do mercado e abrirão para o lado de fora do edifício. Isso possibilitará maior flexibilidade no horário de funcionamento desses estabelecimentos e prevenirá problemas que possam ocorrer devido ao uso em excesso de bebidas alcoólicas nas manhãs de sábado.

⁴ SANT'ANA, Márcia. PARECER Nº 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE

2. Evolução dos espaços, paisagem natural e meio ambiente

Ao falarmos da evolução dos espaços e da paisagem, é importante diferenciar os conceitos de espaço e de lugar. Espaço é a porção de um território e Lugar é a porção de um território dotado de significados, de identidade. Todo Lugar possui um *Genius Loci*⁵, um caráter, uma essência que o caracteriza, como exemplifica a Declaração de Foz de Iguaçu:

Sobre La noción de “Espiritu Del lugar”

La noción de “Espiritu Del Lugar” está vinculada a la interacción de componentes materiales e inmateriales de los entornos naturales y/o construídos por el ser humano. Se trata de un aspecto esencial, ya que, por su misma definición un “Lugar” no es cualquier espacio, sino un espacio caracterizado por su singular identidad. En este sentido, el “espiritu” es el aliento vietral que expresa tal identidad, resultado de La relación entre una determinada cultura y el sitio en que se desarrolla⁶.

O homem transforma o espaço em lugar, caracterizado pelas relações entre uma cultura e o meio em que se desenvolve, ou seja, pela apropriação que se faz deste lugar. Assim, ao descrevermos a evolução dos espaços e lugares da Feira-Livre de Capelinha, estaremos descortinando as relações intrínsecas a estes locais.

Inicialmente, as Feiras ocorriam nos Ranchos, propriedades particulares que também serviam como pontos de vendas das mercadorias trazidas pelos tropeiros. À época, as vilas e cidades eram isoladas entre si. As estradas eram em pequeno número e apresentavam condições precárias de circulação. Os meios de transporte e comunicação eram limitados.

Capelinha se configurava como um município incipiente, cuja maior parte da população residia na zona rural, em pequenas e grandes propriedades. Alguns domicílios, na área urbana, eram a segunda residência dos fazendeiros mais abastados, que as utilizavam durante os eventos na cidade. A ocupação da área urbana se concentrava no vale do ribeirão Areão, nas proximidades da Igreja Matriz, ao longo da rua das Flores e da avenida Governador Valadares. As vias ou eram calçadas por pedras ou não possuíam pavimentação. As edificações se configuravam pro sobrados e casas térreas coloniais, implantadas nas testadas dos lotes. Nesta área central, também estavam dispostos os cinco ranchos existentes,

⁵ *Genius Loci*, expressão romana antiga, significa o espírito do lugar. Para os romanos, os ambientes possuem um caráter e uma essência que o caracterizam, ou seja possuem um espírito.

⁶ Declaração de Foz de Iguaçu, em 2008.

normalmente, contíguos à residência dos seus proprietários. A localização de quatro deles está estimada no croqui abaixo:



Identificação dos diversos lugares da Feira-Livre de Capelinha: localização estimada dos antigos ranchos, antigo Mercado Municipal (atual Rodoviária) e Mercado Atual.

Os ranchos, enquanto lugares de ocorrência das feiras-livres, apesar de se situarem em endereços diferentes, possuíam caracterização simbólica semelhante. Enquanto pontos de parada e comércio das tropas, estavam imbuídos de significação: a chegada de uma tropa representava o reencontro, o retorno do pai, marido, familiares após meses de saudade, representava o acesso ao mundo, a novas culturas através das histórias contadas. Os tropeiros representavam a coragem, a bravura, a liberdade e seus produtos, a inovação, o novo, o moderno, o diferente. Durante as feiras, o encontro acontecia também entre os moradores locais, membros de uma mesma família ou unidos por laços de amizade. Mais do que adquirir produtos básicos para a necessidade familiar, ir à feira era vivenciar as relações sociais. Fato interessante é que as feiras não se inseriam apenas dentro dos ranchos, mas aconteciam nas ruas, numa organização aparentemente caótica, onde feirantes,



compradores, mascates, tropeiros expunham suas mercadorias livremente no chão, junto à cavalos, mulas e balaios.

Os ranchos abrigaram as feiras até a década de 1960, quando foi construído o primeiro mercado público municipal, na Praça Castelo Branco (atual Praça do Povo). A esta época, as ruas centrais estavam todas calçadas por lascas de pedras. A rua das Flores se configurava como o centro comercial de Capelinha, concentrando as principais atividades do núcleo urbano. Iniciava-se o processo de urbanização. Também foram identificadas as primeiras substituições de edificações, incorporando elementos ecléticos e de art-decó às residências e edifícios comerciais. Destaca-se a demolição da antiga Igreja Matriz. Aos poucos, os veículos foram substituindo os animais para transporte e apoio dos feirantes e visitantes. Os acessos e estradas foram melhorados. A atividade de tropeiros não existia mais. Mas as relações de troca, encontro, entretenimento e aprendizado permaneceram na feira-livre do mercado. Da mesma forma que nos ranchos, a feira não se restringia aos limites da edificação construída, mas ocorria, principalmente, na praça e vias do entorno.

A partir dos anos de 1970, o panorama da cidade de Capelinha se alterou completamente. Viveu-se um período de urbanização e crescimento populacional na área urbana, com consequente esvaziamento do campo. Novos bairros surgiram e bairros antigos se adensaram, necessitando de investimento em infra-estrutura urbana, como redes de água, esgoto e energia. Os antigos calçamentos em pedra deram lugar ao asfalto nas principais ruas da cidade. A população, vivenciando um crescimento econômico sem precedentes, utiliza-se intensamente do automóvel. Surgem os edifícios, demolem-se edificações, a substituição e descaracterização arquitetônica são recorrentes. É dentro deste contexto de crescimento que se constrói o novo mercado de Capelinha, para abrigar a feira livre em contínua expansão. O local escolhido permanece na área central da cidade, as margens do ribeirão Areão, escondido pelas canalizações que o enterraram. Vias foram abertas (mais obras de infra-estrutura urbana). Por ser uma ocupação recente, nestas, novas construções convivem com os fundos de outras.

A implantação do mercado induziu o surgimento de estabelecimentos ao redor do mesmo. São lojas de produtos variados e também lanchonetes, sorveterias e restaurantes. A avenida Governador Valadares constitui o principal acesso ao mercado e concentra, na atualidade, boa parte das atividades comerciais da cidade, estabelecidas em edificações em estilo contemporâneo, com fachadas e vitrines envidraçadas. A charmosa rua das Flores encontra-se bastante descaracterizada.

Mais uma vez, a feira extrapola os limites do mercado, ocupando as áreas descobertas e partes das vias do entorno. Veículos, muitos veículos estacionam nas

vias próximas. Caminhões de abacaxi, morango, objetos diversos, localizam-se, modestamente ao lado do mercado. Cavalos, mulas e burros, descansam e pastam no lote vago ao fundo. Pessoas, muitas pessoas, bancas, produtos e cachorros se acomodam nos espaços.

É interessante relatar que, apesar da Feira em Capelinha ter ocorrido em vários locais, com características temporais e espaciais diversas, seu significado se mantém inalterado. Ora, se os valores de um Lugar são produtos das relações entre determinada cultura e o meio onde se desenvolve, nos permitimos deduzir que existem elementos intrínsecos semelhantes em todos os locais onde a feira fora implantada, gerando estas relações.

Um destes elementos consiste na localização dos ranchos e mercados sempre na área central da cidade, de ocupação mais antiga e maior concentração de atividades comerciais. Sendo um local de comercialização de produtos, nada mais adequado e caracterizador, inserir a Feira em meio às demais atividades cotidianas da população, o que reforça sua tradição.

Uma outra característica que nos chama a atenção é o fato da feira não se restringir aos limites físicos impostos pelas edificações. A Feira-Livre, como o próprio nome diz, extrapola as alvenarias, ocupa as áreas externas, como um organismo vivo, sem limites, livre. Livre também são os usuários, nas diversas escolhas a sua disposição. Também o são os produtores, livres para produzir, fabricar, criar, comercializar e oferecer seus produtos conforme sua cultura, seu modo de ser e fazer. Livres também são os comerciantes, pois não há pré-conceitos, todos podem ter um espaço na feira. Assim, a Feira-Livre representa a liberdade: é a cultura popular de Capelinha que é livre para se expressar.



Expressão da liberdade: a criança dorme na banca enquanto sua mãe vende os produtos na feira

3. Evolução histórica dos marcos edificados

Os marcos edificados que se relacionam com a Feira Livre de Capelinha são os ranchos, os dois mercados e as vias próximas a estas construções.

Os ranchos eram edificações bem simples, de arquitetura vernacular, normalmente contíguos às residências de seus proprietários. Durante as pesquisas, encontramos a fotografia do Rancho de Jacinto José, pelo qual nos baseamos para descrição das características destes marcos. Feitos em pau-a-pique ou adobe, possuíam telhado cerâmico e madeiramento realizado com cortes de árvores locais. Geralmente possuíam vãos na frente, piso em terra batida e não comportavam a feira em seu interior. Pelas fotografias pesquisadas e relatos orais, podemos supor que os ranchos eram referências da feira, pois a mesma ocorria na rua, em frente à edificação.



Rancho de
Jacinto José, na
rua das Flores.
Fonte: Tico
Neves.

Com a construção do Mercado Municipal Público e a unificação das feiras-livres, os ranchos foram demolidos. O primeiro mercado era constituído por um edifício de dois andares, onde funcionavam estabelecimentos comerciais no primeiro pavimento e a sede administrativa da Prefeitura Municipal no segundo. Um galpão de alvenaria e cobertura metálica demarcava a área destinada à feira propriamente dita. O mercado se localizava na Praça Castelo Branco, que também era ocupada pelas barracas e vendedores da feira.

Na década de 1980, o Novo Mercado foi construído, exclusivamente para abrigar a Feira-livre. O antigo foi desativado, sendo que a parte do galpão atualmente é a rodoviária municipal. O segundo pavimento do edifício é ocupado por órgãos da prefeitura e pela biblioteca municipal. O primeiro pavimento é ocupado por pequenos estabelecimentos comerciais, principalmente botecos. A praça sofreu intervenção urbanística com reforma das calçadas e implantação de coretos, mobiliário urbano e jardins.



O Novo mercado foi separado em dois setores, um galpão de alvenaria e telhado em estrutura metálica, para abrigar os feirantes e uma edificação anexa com “salas” para abrigar os açouges, que necessitavam de locais que atendessem à demandas sanitárias do manuseio e vendas de carnes.

Para sua construção, alterou-se o desenho da quadra, o córrego Areão foi canalizado e duas vias foram abertas: Ala Beira Rio e Ala Jatobá. Deste modo, a área do mercado era constituída dos dois corpos edificados, de uma área externa lindeira à Ala Beira Rio e pela Ala Jatobá.

Posteriormente, o mercado recebeu melhorias: banheiros públicos, femininos e masculinos foram instalados. Um jardim frontal foi implantado na entrada da rua Clovis Pimenta Figueiredo, este, atualmente, está praticamente imperceptível, pois diversos trailers de sanduíches localizam-se sobre os canteiros.

Recentemente, uma nova cobertura em madeira e telhas cerâmicas foi acrescentada anexa aos fundos dos açouges para oferecer coberta a alguns feirantes.

4. Descrição

Há diversos conceitos para espaço público, sendo, na sociologia, o espaço de encontro com o outro, com o diferente de si. Na filosofia, a noção de espaço público está associada à idéia de liberdade de expressão, relacionando-se à democracia, como ocorria na Grécia Antiga. O urbanismo surge durante a 1^a Revolução Industrial, ocorrida na Europa, pois, com o crescimento desordenado das cidades e do aumento rápido da população, surge a necessidade de espaços públicos e áreas de respiro para a população. “O momento anterior, quando as cidades eram pequenas e as populações reduzidas, a atividade de planejar e de construir o espaço físico coletivo é denominada de arte urbana, mas não ainda de urbanismo. O termo “urbanismo” surge na França, em 1910, e indica um aumento tanto da escala quanto da complexidade de fenômeno urbano em sua expressão físico territorial.”⁷

Com o urbanismo chamado culturalista, representado pelas obras de Camillo Sitte e Ebenezer Howard, os espaços abertos de uso coletivo começaram a interessar os urbanistas. Posteriormente ocorre o urbanismo modernista. “Nele, a diferenciação entre cheios e vazios, espaço construído e superfície livre, se realiza numa escala tal que, por vezes, dificulta a convivência de pessoas num espaço de uso comum.” Somente nos anos 60 é que se dá a verdadeira importância aos espaços públicos nas cidades. É nesse momento que se iniciam os planos de requalificação,

⁷ GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 949p.

principalmente de áreas de interesse histórico, valorizando os espaços de memória em detrimento da construção do novo. O espaço público é representado pelos espaços abertos existentes na cidade, e sofre apropriação pelas pessoas que vivem nela, podendo ser parques, jardins, cemitérios, ruas e praças, feiras-livres, mercados, dentre outros.

Três idéias básicas sintetizam a idéia de espaço público em sua expressão urbanística:

1 – Exterioridade: como espaço que surge em oposição ao espaço privado e fechado / restrito da casa, o espaço público deve se diferenciar por ser o espaço exterior, aberto / público, de uso comum, tanto no sentido real, físico – a rua, o pátio, a praça, a feira, o mercado, etc. – quanto no sentido simbólico, onde o espaço exterior, o espaço da rua, da praça, é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver.

2 – Acessibilidade: é exatamente esta condição que, do ponto de vista territorial, caracteriza o espaço público. É graças a ela, ainda, que um determinado espaço, numa localização específica e definida, se torna, pelo uso que a acessibilidade viabiliza, um espaço comum e, como tal, espaço público por definição.

3 – Significado: espaços públicos costumam estar impregnados de memória, o que lhes garante um valor simbólico que extrapola em muito a sua função mais visível. Ruas e praças contém história não apenas de importância individual, como não cessam de cantar os poetas mas, sobretudo, de valor coletivo. São nesses espaços privilegiados que estão registrados os fatos urbanos que constituem uma cidade.

As feiras-livres são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, e possuem papel indispensável na vida social de todas as cidades. O modo como são tratadas e o uso que lhes é dado pela população indicam, claramente, o nível de civilidade de uma determinada cidade bem como o exercício dos direitos e deveres de cidadania nela vivenciados.

Cada feira apresenta funções e especificidades distintas, ou seja, cada espaço apresenta utilidade definida e usos que indicam a apropriação que vai ocorrer em cada espaço.

A feira-livre de Capelinha desempenha diversas funções: definida como espaço aberto e semi-aberto de uso comum, a feira é ponto de encontro pessoal, local de reuniões públicas, espaços para realização de vendas, trocas, compras, lazer e entretenimento. Assim, a função da feira-livre é definida pelo modo como a sociedade capelinhense expressa sua vida coletiva e varia em consequência das mudanças sociais e histórias vivenciadas ao longo do tempo. Na verdade,



mudanças sociais importantes implicam novas necessidades e novas formas de comportamento da comunidade. Além dos fatores já citados, há também o clima, que influencia na função e uso das feiras-livres. Em países e cidades de clima quente, as feiras têm função de encontro, estar e até contemplação, como acontece em Capelinha. Em contraposição a isso, nos países frios a vida acontece principalmente no interior das edificações, portanto as feiras-livres abrigam espaços totalmente fechados e muitas vezes em subsolos, evitando-se, assim, o frio. O clima que favorece ou não a vida ao ar livre e a cultura, aliados ao momento histórico em que são projetadas, são os principais responsáveis pela forma mais, ou menos, construída que os mercados e feiras adquirem.

A feira-livre de Capelinha possui função de comércio, estar, descanso, lazer, contemplação, educativa e psicológica. A função de comércio é inerente à feira-livre, onde o principal uso é a compra e venda de diversas mercadorias. A função de estar é utilizada pela população para jogos como dama, xadrez e dominó, para conversas entre amigos, para uma bebida descontraída no bar, ou seja, para passar o tempo. A função de descanso é utilizada na feira nos espaços onde as pessoas param para descansar entre um expediente e outro, ou para proteger-se temporariamente do tempo. A função de lazer da feira é obtida no momento em que algumas pessoas vão para se divertir e aproveitar momentos sem obrigações. A função de contemplação da feira é obtida no momento em que parte da população se dirige para a feira com a intenção de apreciar a vista proporcionada pelo evento. A função educativa está intrínseca nos espaços destinados a convivência social coletiva, no uso comum de banheiros públicos, na convivência do limite do individual e na prevalência do coletivo. A função psicológica da feira está presente no fato das pessoas relaxarem, descontraírem e confraternizarem funcionando como ambiente anti-estresse.

Há três fatores principais que desempenham papel importante na definição da função e uso das feiras:

- **As características do entorno:** “O lugar onde a feira está inserida, além de definir a paisagem, expressa também características que a tornam única, com implicações importantes na função urbanística que esse espaço específico vai desempenhar. Por entorno deve-se compreender não apenas o que está imediatamente à volta do espaço considerado, mas também o seu raio de influência.”⁸ Nesse contexto, a feira-livre de Capelinha está inserida no Mercado Novo, situado à Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, s/ n° - Centro, Capelinha/MG. O mercado está no quarteirão rodeado pelos seguintes logradouros: Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, Rua Governador

⁸ GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 949p.

Valadares, Rua Santa Cecília, Rua Geraldo Prisco, Ala Jatobá e Ala Beira Rio, o que o torna único em seu contexto. Sua localização privilegiada no centro de Capelinha faz com que esse lugar seja único e especialmente designado para permanecer como feira-livre, mesmo que a edificação seja alterada arquitetonicamente ao longo dos anos. O mercado envolve todo o entorno que se abre fisicamente para abranger a feira e se comporta harmonicamente ligado ao mercado.

- **O nível socioeconômico da população:** As características socioeconômicas da população que utiliza um determinado espaço é outro indicador importante da especificidade e permanência de uma feira. Em Capelinha, a feira-livre abriga os diferentes níveis socioeconômicos da população, que vai da população carente da zona rural até grandes fazendeiros que possuem também banca na feira para venda de produtos agrícolas. Os freqüentadores também variam segundo o nível socioeconômico, sendo essa feira freqüentada por donas de casa pobres que aguardam ansiosamente o sábado para as compras de sacolão semanal e os turistas que adquirem produtos mais sofisticados como o lombo defumado e os artesanatos típicos da região.
- **A importância simbólica:** Espaços simbólicos costumam ser reconhecidos graças à importância que têm, tanto para a memória coletiva da cidade quanto para a vida pessoal. É nesse sentido mais amplo que a feira imaterial adquire importância simbólica e tradicional para os capelinenses.

A feira-livre de Capelinha possui a idéia de espaço público em sua expressão urbanística, contendo exterioridade em seu espaço aberto e público, de uso comum, tanto no sentido real, físico quanto no sentido simbólico, onde o espaço exterior é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver e experimentar. A acessibilidade, do ponto de vista territorial em que a feira-livre se encontra, viabiliza o espaço comum e público, impregnado de significado e memória, o que lhe garante um valor simbólico que extrapola em muito a função mais visível: contém histórias não apenas de importância individual, mas, sobretudo, de valor coletivo. É na feira-livre, lugar privilegiado, que estão registrados os fatos urbanos que constituem a vida de uma cidade, onde pulsa a cidadania e a vida coletiva.

População usuária – envolvimento / aceitação da comunidade / público e os rituais

Os rituais da feira-livre de Capelinha começam na sexta-feira, com a preparação do Mercado Municipal: é feita a limpeza do local, a colocação das bancas nos devidos lugares conforme disposição do mapa da Prefeitura e é realizado o fechamento de algumas ruas locais do entorno imediato, como a ala Beira Rio, a fim de favorecer a qualidade do local para os usuários e freqüentadores. No sábado, ainda de



madrugada, começam a chegar os feirantes com seus produtos e, de manhã bem cedo, por volta das 6 horas da manhã, chegam os ônibus da Prefeitura que buscam os pequenos agricultores da zona rural e trazem-nos para o mercado. Está na hora de montar as bancas. Cada feirante já sabe o seu lugar e começa a expor seus produtos. Por volta das 9 horas da manhã, a feira está lotada de gente. Gente, muita gente. Vozes, muitas vozes. Um emaranhado de coisas, de cores, de sons, de cheiros, de saberes, de viveres. E, é exatamente isso, que mexe com os cinco sentidos de todos que por ali passam: cores, cheiros, sons, sabores, texturas. Um grande mosaico, onde tudo se mistura, mas que ao mesmo tempo tudo tem seu lugar determinado. É um palco, repleto de personagens que constroem um majestoso espetáculo todos os sábados pela manhã. Por volta das 14 horas a feira vai terminando, os feirantes vão recolhendo os produtos que sobraram e vão embora para suas casas. Está na hora da limpeza do local, que é feita por duas funcionárias da Prefeitura.

A população de Capelinha, tanto da zona rural quanto da sede, e também as pessoas de cidades vizinhas e turistas em geral, estão todas envolvidas com a feira-livre que ocorre todos os sábados e já virou tradição no lugar há muito tempo. Sábado sem feira é igual a domingo. A feira-livre é aceita por toda a população capelinhense, de pobres a ricos, de analfabetos a cultos, de negros a brancos, de mulheres/homens a crianças. A feira realmente possui uma atmosfera que envolve toda a população capelinhense e sua vizinhança imediata (cidades próximas como Aricanduva, Água Boa e redondeza) que já ganhou fama devido aos produtos frescos e à diversidade. São pequenos produtores, que apesar de hoje contar com cursos e orientações de órgãos públicos como a CONAB e a EMATER, aprenderam a arte de seus ofícios dentro de seus próprios lares. São hábeis artesões, primorosos agricultores, dispostos comerciantes e donos de bar. São açougueiros, garçons, costureiras, salgadeiras, doceiras, bordadeiras e até mesmo comerciantes de produtos importados do Paraguai ou China, que fazem da feira algo tão singular.

Atividades formadoras do lugar

As atividades formadoras do lugar estão diretamente associadas à compra e venda de produtos das mais variadas formas e gostos. São atividades de comércio em geral e de serviços como os bares. Outras atividades informais são geradas com a permanência da feira: os tomadores de conta de carros (flanelinhas), os lavadores de carros, os seguranças, os transportadores (de taxistas à charretes), as vendas de comidas, biscoitos, pastéis e bebidas alcoólicas que são atividades inerentes às feiras e que colaboram na formação do lugar.



Organização física e social do lugar

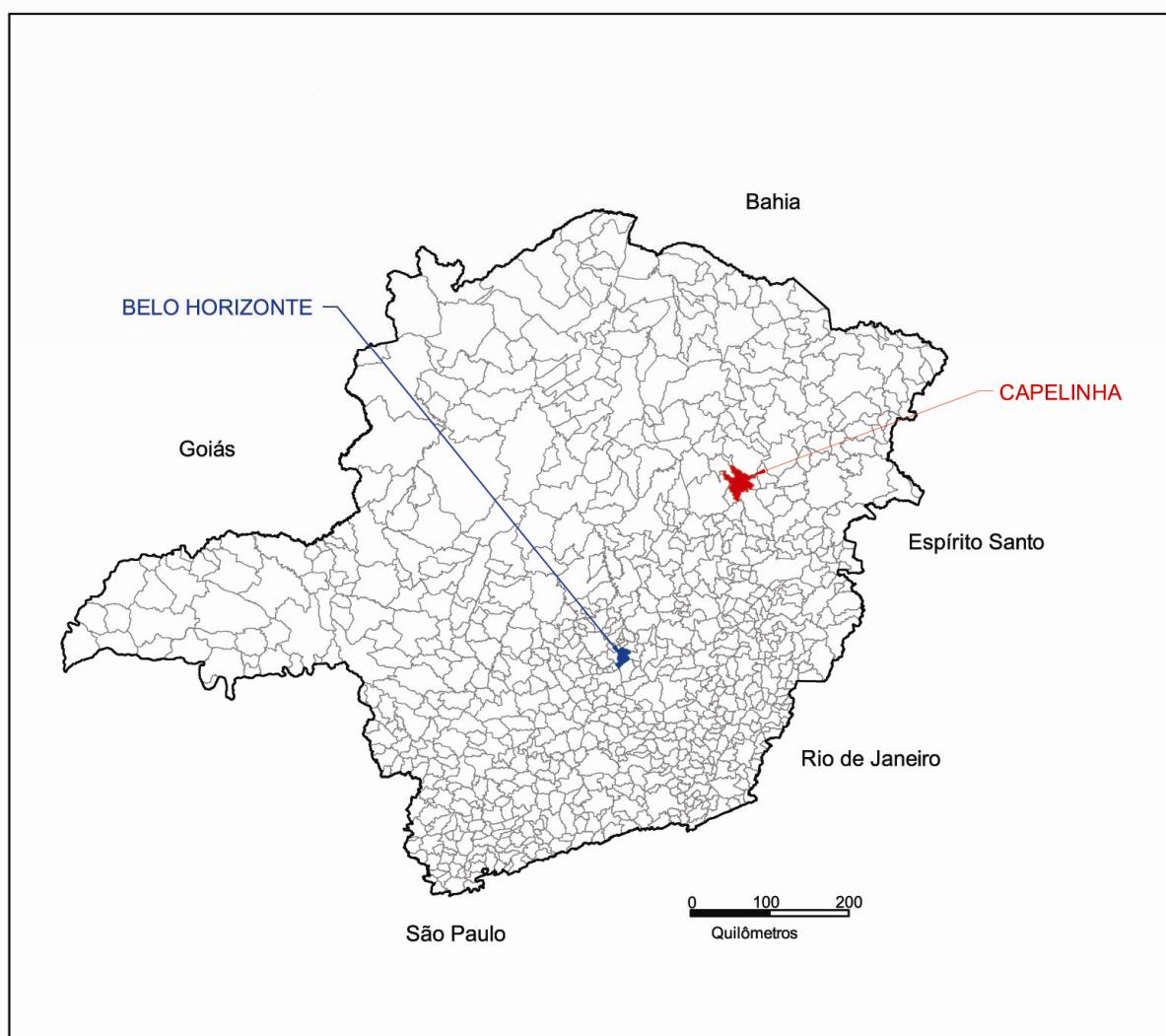
Internamente ao mercado, as bancas se organizam da seguinte maneira: as bancas possuem dimensão de 1,55 x 0,95m cada, com corredores que variam de 1,00 a 1,20 m. Estão dispostas, lado a lado, no sentido longitudinal, perpendiculares aos acessos. Não há circulação entre as bancas e entre os corredores. Na frente dos bares, o espaço de circulação é maior e o mesmo é ocupado por mesas metálicas. A numeração das bancas cresce no menor sentido do mercado. Além dessas bancas, tem ainda os bares e os açougues, completando aproximadamente 533 produtores.

As bancas foram sorteadas e atualmente não há uma organização por tipo de produto. Com o novo projeto de ampliação do mercado, pretende-se organizar as bancas por tipo de produto a fim de melhorar a circulação das pessoas conforme o interesse de compras. Tudo que é vendido atualmente na feira e na medida em que a mesma vai crescendo e ampliando, será agrupado em espaços específicos, segundo uma espécie de zoneamento promovido pelas conhecidas vantagens comerciais da aglomeração de determinados itens, bem como pela afinidade entre produtos. O lado externo da feira não possui um padrão de organização das bancas, mesmo porque os feirantes expõem seus produtos no chão ou em bancas próprias, e vão se instalando nos melhores e mais visíveis locais por ordem de chegada. Existe ainda outro tipo de organização da feira: as comidas ficam de um lado e as roupas e bijuterias ficam mais próximas dos bares. Outra alteração física que ocorrerá com o novo projeto, será o fechamento do bar para o lado interno do mercado e abertura dos bares para o lado externo da ala Beira Rio. Essa mudança foi solicitada pelos feirantes que não suportavam os bêbados atrapalhando as vendas com palavrões e cenas inadequadas. Com isso, espera-se uma melhoria da qualidade social do ambiente interno.

O galpão atual existente possui área de aproximadamente 1.960m², sendo a fachada de 37 metros pelo comprimento de 53 metros. Há também a área do açougue com aproximadamente 440m², sendo 5,50 metros de largura por 74 metros de comprimento. A área externa possui área aproximada de 2.650m², incluindo as áreas ocupadas pela feira das Alas Beira Rio e Jatobá. O mercado atualmente possui aproximadamente 2.400,00m² de área construída.

5. Documentação cartográfica

Mapa de localização do município em Minas Gerais.





PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO E SITUAÇÃO DO BEM



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

PLANTAS BAIXAS



6. Ficha de inventário

BEM IMATERIAL

1. Município: Capelinha

2. Distrito: Sede

3. Designação: Feira-Livre de Capelinha

4. Caracterização:

Há diversos conceitos para espaço público, sendo, na sociologia, o espaço de encontro com o outro, com o diferente de si. Na filosofia, a noção de espaço público está associada à idéia de liberdade de expressão, relacionando-se à democracia, como ocorria na Grécia Antiga.

O urbanismo surge durante a 1ª Revolução Industrial, ocorrida na Europa, pois, com o crescimento desordenado das cidades e do aumento rápido da população, surge a necessidade de espaços públicos e áreas de respiro para a população. “O momento anterior, quando as cidades eram pequenas e as populações reduzidas, a atividade de planejar e de construir o espaço físico coletivo é denominada de arte urbana, mas não ainda de urbanismo. O termo “urbanismo” surge na França, em 1910, e indica um aumento tanto da escala quanto da complexidade de fenômeno urbano em sua expressão físico territorial.”⁹

Com o urbanismo chamado culturalista, representado pelas obras de Camillo Sitte e Ebenezer Howard, os espaços abertos de uso coletivo começaram a interessar os urbanistas. Posteriormente ocorre o urbanismo modernista. “Nele, a diferenciação entre cheios e vazios, espaço construído e superfície livre, se realiza numa escala tal que, por vezes, dificulta a convivência de pessoas num espaço de uso comum.” Somente nos anos 60 é que se dá a verdadeira importância aos espaços públicos nas cidades. É nesse momento que se iniciam os planos de requalificação, principalmente de áreas de interesse histórico, valorizando os espaços de memória em detrimento da construção do novo. O espaço público é representado pelos espaços abertos existentes na cidade, e sofre apropriação pelas pessoas que vivem nela, podendo ser parques, jardins, cemitérios, ruas e praças, feiras, mercados, entre outros.

“Três idéias básicas sintetizam a idéia de espaço público em sua expressão urbanística:

1 – Exterioridade: como espaço que surge em oposição ao espaço privado e fechado / restrito da casa, o espaço público dele se diferencia por ser o espaço exterior, aberto / público, de uso comum, tanto no sentido real, físico – a rua, o pátio, a praça, a feira, o mercado, etc. – quanto no sentido simbólico, onde o espaço exterior, o espaço da rua, da

⁹ GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 949p.

praça, da feira, do mercado é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver.

2 – Acessibilidade: é exatamente esta condição que, do ponto de vista territorial, caracteriza o espaço público. É graças a ela, ainda, que um determinado espaço, numa localização específica e definida, se torna, pelo uso que a acessibilidade viabiliza, um espaço comum e, como tal, espaço público por definição.

3 – Significado: espaços públicos costumam estar impregnados de memória, o que lhes garante um valor simbólico que extrapola em muito a sua função mais visível. Ruas, praças e feiras contém história não apenas de importância individual, como não cessam de cantar os poetas mas, sobretudo, de valor coletivo. São nesses espaços privilegiados que estão registrados os fatos urbanos que constituem uma cidade.”¹⁰

Entre arquitetura e cultura não há relação entre termos distintos: o problema diz respeito apenas à função e ao funcionamento da arquitetura dentro do sistema. Por definição, é arquitetura tudo o que concerne à construção, e é com as técnicas da construção que se intui e se organiza em seu ser e em seu devir a entidade social e política que é a cidade. Não só a arquitetura lhe dá corpo e estrutura, mas também a torna significativa com o simbolismo implícito em suas formas.

No século XIX, começam a surgir edifícios que não devem nada ao passado. Suas próprias linhas se originam das novas demandas apresentadas pelas grandes cidades, pela multiplicação dos meios de comunicação e por uma indústria em crescente expansão. Todos estes edifícios têm uma coisa em comum: são destinados tão-somente a uso periódico e estão relacionados à distribuição rápida de grandes volumes de mercadoria. Um dos novos problemas suscitados encontra uma primeira solução nos grandes mercados públicos. Na época, grandes mercados em estrutura metálica e com grandes vãos foram executados, como o mercado de Madeleine, construído em Paris em 1824; o mercado construído em Londres, em 1835, para substituir o antigo Mercado de Peixes Hungerford; e os Grandes Halles de Paris cuja construção foi iniciada em 1853.

5. Proteção Legal: Registro do imaterial

6. Informações Históricas

As feiras são fenômenos sócio-econômicos muito antigos, que desde os primórdios estavam ligadas ao comércio, às festividades religiosas e aos dias santos. Não se sabe ao certo onde e quando apareceu a primeira feira, no entanto, há dados que nos permitem afirmar que em 500 a.C. já havia feiras no Médio Oriente, nomeadamente em Tiro, cidade conhecida por sua tradição no comércio. O papel das feiras tornou-se verdadeiramente importante a partir da chamada revolução comercial, ou seja, no século XI.

Estas feiras devem ter se originado há muito tempo, quando as pessoas se reuniam periodicamente em algum ponto pré-determinado da cidade para vender seus produtos à população ou mesmo realizar trocas. Com o tempo provavelmente o número de pessoas foi

¹⁰ GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 949p



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELinha
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

aumentando e o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e, é claro, cobrar os impostos.

No Brasil elas estão presentes desde o tempo da colônia. E, mesmo em tempos de hipermercado, de “shopping center” e dos “delivers”, elas não desaparecem. Estão presentes nas grandes e pequenas cidades. Em muitos lugares elas são o principal e, às vezes, o único local de comércio da população. Por vezes, funcionando como centros culturais e de lazer.

Em Capelinha, cidade do Alto Jequitinhonha, como em várias outras cidades do estado de Minas Gerais e do Brasil a feira livre está presente e desempenha importante papel, não somente no comércio do município, mas também nos municípios vizinhos.

A história da feira livre de Capelinha, que sempre ocorreu aos sábados e que hoje conta com cerca de 533 barracas, bares e trailers reunidos em um só local, o Mercado Novo, remota ao começo do século XIX. Segundo o historiador capelinhense José Carlos Machado, Capelinha era uma cidade pequena e com crescimento modesto, que, de acordo com dados do IBGE, entre os anos de 1920 e 1970, teve um crescimento populacional de apenas 7.600 habitantes. Os produtos básicos de alimentação eram oferecidos pelas feiras livres, pois o comércio apenas oferecia produtos que não eram fabricados na região como produtos industrializados, ferramentas, sal, querosene. As feiras foram a opção encontrada pelos fazendeiros da época para comercializar seus produtos. Elas aconteciam em propriedades particulares denominadas “ranchos”. Os fazendeiros chegavam à cidade na sexta-feira a noite com seus animais carregado de mercadorias, arranchavam, preparavam suas comidas em tremes e dormiam. Eram locais já conhecidos pelos tropeiros tão comuns na região do Jequitinhonha e responsáveis pelo abastecimento de cidades como Capelinha, Minas Nova, Aricanduva, Itamarandiba, Carbonita. Os ranchos levavam o nome dos seus proprietários. Assim, tínhamos o “Rancho Piuzinho”, “Rancho do Tininho” ou “Rancho do Tinin Pimenta”, “Rancho do Major Batista”, “Rancho do Bernardo Pimenta” e o “Rancho do Jacinto José” o mais antigo rancho que ficava na Rua Coronel Jacinto José, mais conhecida como Rua das Flores.

Alguns nomes de fazendeiros e tropeiros que comercializavam nessas feiras livres estão registrados no livro Casos, Lendas e Lorotas do Jequitinhonha. São eles: Nicodemus Evaristo, Manoel Preto, Ângelo Campos, Branco, João Arlindo (pai de Zé Batatinha), Tião Arlindo, José Neves, Serafim Carvalho, Tição, Gerson Martins, Zezinho de Arlindo, Seu Mingo, Silvio Pimenta, Bertulino, Clemente Azevedo.

O Coronel Jacinto José Ribeiro foi o primeiro prefeito de Capelinha e dono de um do principal rancho, onde ocorria a “Feira da Rua das Flores”. Porém, na década de 1960, ele perdeu as eleições para Gotardo Pimenta, que então mandou construir um mercado público localizado na Praça Castelo Branco, que reuniu todos os feirantes e funcionou até a década de 1980. Hoje nesse local funciona a rodoviária.

A melhoria no setor de transporte que beneficiou o traslado de mercadorias e o deslocamento das pessoas por um lado beneficiou a feira, por outro, aumentou a concorrência dos armazéns que passaram a ter maior acesso as mercadorias, inclusive, os



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

hortifrutigranjeiros que passam a ser vendidos nesses estabelecimentos. Mas essa concorrência não foi o suficiente para abalar a tradição de se comprar na feira livre. Mesmo porque, ir à feira e fazer compras envolve muito mais do que o simples ato de comprar. A feira tem uma atmosfera própria, uma dinâmica que não se encontra dentro de supermercados com ar condicionados.

Algumas peculiaridades da feira, em suas primeiras décadas, ficam por conta do escambo que era realizado entre os feirantes. No fim de cada feira, a sobra, ou seja, os produtos que não eram vendidos viravam moeda de troca. Outro ponto a ser ressaltado é que, até a construção do novo Mercado que fica localizado à Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, s/nº Centro, Capelinha/MG os produtos eram expostos no chão.

O Município de Capelinha continua a ser eminentemente agrícola, e os poderes públicos têm contribuído para o constante desenvolvimento de atividades agropecuárias. Os pequenos agricultores do município que se enquadram dentro da classificação de “agricultores familiares” contam com recursos financeiros do Orçamento Geral da União, através do Ministério da Agricultura e Abastecimento que, por meio de programas desenvolvidos pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento – recebem empréstimos, orientações e cursos. Um desses Programas é o PAA, uma modalidade do programa de doação simultânea. De acordo com o site oficial do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento o PAA “tem por objetivo incentivar a agricultura familiar, compreendendo ações vinculadas a distribuição de produtos agropecuários para pessoas em situação de insegurança alimentar, sendo constituído por instrumentos que permitem a estruturação e o desenvolvimento da agricultura familiar”. Assim, os agricultores cadastrados podem vender até o montante de R\$3.500,00 por ano para a CONAB. Os produtos adquiridos pelo programa são distribuídos para as escolas e população carente. A EMATER-MG, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, criada em 1948, vem, desde então, promovendo ações que visam auxiliar na promoção do setor rural do estado, também esteve e está presente nas atividades auxiliares desenvolvidas para os pequenos agropecuaristas da cidade.

Assim, a Prefeitura vem desenvolvendo ações de incentivo e apoio aos agricultores familiares. Há cerca de sete anos instituiu o “Transporte de Feirantes” ou “Projeto Feirante”. Por meio de uma consulta aos feirantes foi decidido o meio de transporte, o ônibus, que todo sábado de madrugada percorre as principais vias de acesso da zona rural do município. São, ao todo, 34 veículos e, apesar desse serviço ainda não abranger todos os feirantes, mesmo porque parte significativa deles pertence a outros municípios a iniciativa tende a impulsionar e garantir o funcionamento da feira. Também está sendo desenvolvido um projeto que visa a ampliar o mercado e sanar alguns problemas já detectados.

De acordo com um novo projeto apresentado pela Prefeitura, os bares, as bancas de bijuterias e os trailers ganharão novos espaços do lado de fora da feira, de maneira a organizar e separar melhor os tipos de mercadorias oferecidas dentro do mercado. Serão construídos nove “boxes” na área externa do Mercado e os bares abrirão para o lado de fora do mercado. Isso possibilitará maior flexibilidade no horário de funcionamento desses



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

estabelecimentos e prevenira problemas que possam ocorrer devido ao uso em excesso de bebidas alcoólicas nas manhãs de sábado.

Com relação aos problemas mais freqüentes da feira o Sr. Osmano pondera que “toda concentração de massa dá problemas”. Exemplifica sua fala com o problema que tiveram com os taxistas que estavam bloqueando os portões de acesso ao mercado. Fala também a respeito da questão dos bares, do consumo de bebidas alcoólicas. A mesma questão é levantada por Valdo, vigia da feira, que reclama do alto consumo de bebidas que por vezes têm provocado confusões. Valdo ainda aponta outros problemas como o excesso de barracas. Comenta também sobre o trabalho dos camelôs e dos atravessadores que compram os produtos e revendem na feira inflacionando os preços e afastando compradores que, por vezes, acabam dando preferência aos mercados. Conta ainda que há pessoas que para forçar esse processo inflacionário cadastram-se, pagam as taxas cobradas pela prefeitura e não utilizam as bancas, deixam-nas ociosas. Aponta assim um problema de fiscalização por parte da prefeitura. Com relação à atividade dos atravessadores, Sr. Osmano informa que não há nenhuma punição prevista no “Código de Postura” para esses casos. Tanto Valdo como o Sr. Osmano dizem acreditar que com o novo projeto parte desses problemas serão resolvidos, principalmente no que tange ao problema de espaço dentro do mercado, garantindo assim a qualidade e conforto do feirante e do público.

Outro problema foi apontado por dona Neuza que diz não aguentar trabalhar dentro do Mercado devido ao barulho. Reclama ainda da pouca luz dentro do mercado que dificulta até principalmente na hora de dar o troco durante as vendas. Diz preferir expor suas mercadorias do lado de fora, no chão e mesmo que com a ampliação prevista para o mercado não quer trabalhar dentro dele. Prefere que seja feita uma coberta do lado de fora, onde é mais “tranquilo”.

O Sr. Osmano explica que a organização da feira, que começa a ser montada na sexta a noite, abre às 4 horas do sábado e vai até as 14 hora, é de responsabilidade da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente. São responsáveis pela segurança, pela limpeza do local, pelo cadastramento dos feirantes. O quadro de funcionários da feira é composto por duas faxineiras, dois fiscais e dois seguranças. Durante a semana o Mercado permanece aberto e é utilizado como estacionamento pelos ônibus escolares, os bares, que ficam dentro do Mercado, também funcionam até as seis horas. Assim, na sexta-feira à noite a Secretaria tem que providenciar o fechamento do trânsito no local. Informa que sempre que necessário, como em época de cadastramento, utilizam o rádio para informar à população.

Como todas as feiras livres, a feira de Capelinha é um lugar movimentado, cheio de cores, sons e cheiros. Cheiro das especiarias, do fumo, das frutas, das palhas dos cestos, dos doces, dos queijos, das ervas medicinais. Colorido dos legumes, das hortaliças, das suculentas frutas, das bijuterias, das roupas. Pessoas transitam em ruidoso barulho, examinam, pechinham ou simplesmente passeiam. Outras, já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses. Cumprimentos exaltados, notícias a circular, risadas. Tudo ecoa no comprido galpão onde estão distribuídas as barracas, os bar, os trailers. Todo esse conjunto forma



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

um inusitado e belíssimo mosaico, que ganha toque especial com os raios de sol que timidamente invadem o ambiente.

Outros feirantes, localizados do lado de fora do Mercado arrematam o cenário, aproveitando o fluxo de pessoas esperado nos dias de feira, expõem suas mercadorias, no chão, da mesma forma que os feirantes dos ranchos e da Rua das Flores faziam.

Como dito anteriormente, a agricultura familiar é outra característica marcante. São as famílias que cultivam em suas propriedades rurais os produtos e os expõem na feira. De acordo com o Sr. Osmano há alguns produtores maiores, que inclusive têm mais de uma banca, porém é uma pequena parcela. Também há casos de pessoas que compram os produtos no CEASA para revender, o que gera certa polêmica entre os feirantes, no entanto, não há nenhuma lei que proíba essa prática.

São pequenos produtores que, apesar de hoje contar com cursos e orientações de órgãos públicos como a Conab e a Emater, aprenderam a arte de seus ofícios dentro de seus lares. São hábeis artesãos, primorosos agricultores, dispostos comerciantes donos de bar. São açougueiros, garçons, costureiras, salgadeiras, doceiras, bordadeiras e até mesmo comerciantes de produtos importados do Paraguai ou China, que fazem da feira algo tão singular. Pessoas como o Sr. Guilherme Correia dos Santos, Dona Leonor Maria da Conceição Gomes, Dona Florentina – conhecida como Loira, Maria Aparecida de Souza – Dona Reninha, Sr. Sebastião Valério de Oliveira, e tantos outros. E mesmos os compradores e visitantes da feira como o casal Marcela e Damasceno, Geralda, Maria Gandra, Elizabete.

Sr. Guilherme que mora em São Lourenço, próximo de Aricanduva e fabrica fumo há cerca de 40 anos. Ele conta que aprendeu a arte de fabricar fumo com o irmão mais velho. Diz que em sua propriedade planta quase de tudo, mandiocal, feijão, milho e que está pensando em mudar o produto exposto, pois hoje o consumo de fumo é bem menor do que há anos atrás. Conta que curte o fumo com cachaça durante oito dias e que o fumo produzido de forma artesanal é muito menos nocivo para a saúde, além de ser remédio contra ofensa e para curar umbigo de criança.

Dona Leonor que começou vendendo hortaliças e com a sugestão da Emater passou a cultivar flores – lírios, palma, copo de leite, rosas – e que há mais de 20 anos enfeita a feira com suas flores. Vende ainda queijos. Essa, aliás, é uma característica dos feirantes de Capelinha, que por vezes vendem mais de um tipo de produto.

Loira, dona de um bar dentro do Mercado há 12 anos, junto com a filha vende tira-gosto e cachaças com raízes que já se tornaram tradição na feira.

Dona Seluta, de Campo Alegre, município de Turmalina, faz artesanato de barro que aprendeu a fazer com a mãe. Ela conta que aperfeiçoou sua arte em alguns cursos promovidos por ONGs. O barro é comprado na região. Apesar de morar na zona rural, tem que adquirir o barro. Uma boneca demora cerca dois dias para ficar pronta, toda a modelagem é feita com as mãos. Ela acompanha a feira há cerca de 40 anos, e conta que



começou a vender quando a feira ainda era no mercado velho, local onde hoje funciona a rodoviária da cidade. O pai dela já trabalhava na feira, vendia panelas e toda semana ia à cavalo vender suas mercadorias.

Dona Reninha é funcionária da fazenda do Zezinho do Cascata, que também possui um Hotel na cidade. Sua lida na feira começa na sexta à noite e depois de uma pequena pausa para descanso recomeça às 4 horas da manhã do dia seguinte.

Mas quem pode expor seus produtos na feira de Capelinha? Qualquer produtor do município ou dos municípios vizinhos pode se cadastrar para expor na feira. Deve-se apenas observar o “Código de Postura do Município” que determina que produtores de outros municípios somente possam oferecer produtos que não são produzidos por feirantes locais. Não é necessário que o feirante seja um pequeno produtor. Na inauguração do Mercado, as primeiras bancas foram sorteadas entre os feirantes que já estavam cadastrados, hoje é a prefeitura que determina conforme as bancas que ainda estão disponíveis. Um único feirante pode ter mais de uma banca. Alguns contratam mão-de-obra para atender em suas barracas. Os feirantes não pagam nenhum tipo de taxa, somente os bares têm o custo do alvará de funcionamento. Despesas como água, luz e limpeza e segurança são custeadas com o dinheiro público.

Quanto questionados sobre a mais importante característica da feira a resposta é unânime: a qualidade dos produtos oferecidos, o ambiente ímpar e as várias histórias e personagens, que ali se passam por cerca de um século.

E por falar em história e personagens, uns dos personagens mais conhecidos da feira, são três irmãos deficientes visuais, filhos da cidade, que durante décadas alegaram as manhãs de sábado tocando e cantando na feira para ganharem alguns trocados.

Valdo sintetiza a feira em uma única frase: “A feira tem de tudo um pouquinho” - frutas, legumes, verduras, grãos, fumo, carnes, ovos, doces, queijos, utensílios domésticos, raízes, temperos, artesanatos em madeira, em cerâmica, couro e taquara, linguiças, frangos caipiras, porcos. Gente, muita gente. Vozes, muitas vozes. Um emaranhado de coisas, de cores, de sons, de cheiros, de saberes, de viveres. E, é exatamente isso, que mexe com os cinco sentidos de todos que por ali passam: cores, cheiros, sons, sabores, texturas. Um grande mosaico, onde tudo se mistura, mas que ao mesmo tempo tudo tem seu lugar determinado. É um palco, repleto de personagens que constroem um majestoso espetáculo todos os sábados pela manhã. A feira tem vida e é parte intrínseca da vida dos cidadãos de Capelinha. “Sábado sem feira vira domingo”. Faz parte de sua história, de sua cultura, de sua tradição, de seu povo.

7. Informações Descritivas:

A Feira Livre acontece no Mercado Novo, que se localiza na Av. Clóvis Pimenta



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Figueiredo, s/nº Centro, Capelinha/MG. Esta via é pavimentada com asfalto. Na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, próximo à Rua das Flores, há o predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Na porção mais próxima à feira há o predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Presença de edificações comerciais. Ao lado do Mercado há uma via estreita, a Ala Beira Rio, que apresenta calçamento de pedras, e apresenta trânsito de mão única. Em frente ao Mercado, na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, há um lote vago utilizado como estacionamento. Este estacionamento não apresenta calçamento, o chão é de terra batida. Na esquina da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo com a Rua Governador Valadares há uma edificação que abriga uma agência da Caixa Econômica Federal. A Rua Governador Valadares possui calçamento de pedras, e suas edificações apresentam, em sua maioria, um pavimento, havendo, também, edificações com acréscimo de segundo e terceiro pavimentos, sem estilo arquitetônico definido. Há um lote vago murado. Na porção da Rua Governador Valadares, próxima à rua Sta. Cecília, há um predomínio de edificações comerciais de um pavimento. Em sua porção mais próxima à Rua Geraldo Prisco onde há um predomínio de edificações de dois pavimentos. Na esquina entre essas duas vias há um posto de gasolina. Na Rua Geraldo Prisco ocorre o predomínio de edificações de um pavimento, mas há uma edificação em construção que possuirá mais de dois pavimentos. Na Rua Raul Coelho, próximo à Rua Geraldo Prisco há uma pequena praça com palmeiras. A porção dos fundos descoberta da feira, localizada na Rua Geraldo Prisco é dividida por uma fila de edificações, que abriga os açougues. Em frente à feira, na Rua Geraldo Prisco, há um grande lote vago com um precário sistema de drenagem, sem cobertura ou proteção para os pedestres. A Rua das Flores é uma via de mão dupla, asfaltada, e o passeio é estreito. Na Rua das Flores, esquina com a Rua Geraldo Prisco, predominam as edificações de um pavimento. Nesta Rua há um lote vago, sem muro, que possibilita a visão do mercado e da parte externa da feira. Na Rua das Flores, próximo à Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, há edificações comerciais. Há edificações com acréscimo de segundo e terceiro pavimentos.

O Mercado Novo é implantado de maneira longitudinal no terreno. Não possui afastamentos laterais. Possui um pequeno afastamento frontal. Segue um partido retangular que se repete três vezes. Cada uma dessas partes apresenta cobertura metálica de duas águas. A edificação apresenta-se pintada na cor branca. O mercado é em alvenaria, as paredes são de tijolos maciços.

Possui três portões na fachada frontal (voltada para Av. Clóvis Pimenta Figueiredo) e três portões na fachada posterior (voltada para a ala Jatobá e para a Rua Geraldo Prisco). Na fachada posterior, entre o segundo e o terceiro portão a edificação continua, formando as lojas que abrigam os açougues, e entre o primeiro e o segundo portão há uma pequena construção, anexa à edificação principal, que abriga um precário banheiro e dois tanques.

Como a edificação não possui janelas nas laterais, a iluminação é deficiente. Não apresenta nenhum tipo de abertura zenital para favorecer a iluminação e ventilação naturais. Além disso, o mercado não possui nenhum tratamento acústico, não havendo, assim, dispersão adequada do som. Ambos estes motivos levam alguns feirantes a abandonar suas bancas



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

no interior do mercado e expor seus produtos muitas vezes no chão do exterior do mercado.

A edificação principal abriga um grande galpão, com duas filas centrais de pilares. Na lateral esquerda se localizam os bares, que possuem acesso à água e energia elétrica. Próximo aos bares estão as mesas para uso dos visitantes da feira, ao lado delas um pequeno corredor e em seqüência, barracas semelhantes às de camelôs que vendem bijuterias e artesanato. No restante do espaço do mercado estão localizadas as pequenas bancas. Os produtos são expostos na parte superior, e a porção inferior funciona como um armário, que pode ser trancado.

Reviste-se de grande significado cultural e histórico a feira-livre que se realiza no Mercado Municipal de Capelinha. A feira livre de Capelinha ocorre sempre aos sábados, organizada pelo Sr Osmano, funcionário da Secretaria do Meio Ambiente de Capelinha e hoje conta com 533 barracas, bares e trailers reunidos em um só local, o Mercado Novo.

A feira começa a ser montada na sexta à noite, abre às 4 horas do sábado e vai até as 14 hora, sendo de responsabilidade da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente.

Como todas as feiras livres, a feira de Capelinha é um lugar movimentado, cheio de cores, sons e cheiros. Cheiro das especiarias, do fumo, das frutas, das palhas dos cestos, dos doces, dos queijos, das ervas medicinais. Colorido dos legumes, das hortaliças, das suculentas frutas, das bijuterias, das roupas. Pessoas transitam em ruidoso barulho, examinam, pechinham, conversam ou simplesmente passeiam. Outras, já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses. Cumprimentos exaltados, notícias a circular, risadas. Tudo ecoa no comprido galpão onde estão distribuídas as barracas, os bar, os trailers. Todo esse conjunto forma um inusitado e belíssimo mosaico, que ganha toque especial com os raios de sol que timidamente invadem o ambiente.

A maioria dos produtos vendidos na feira é originário da produção familiar. É raro encontrar produtores maiores, que possuem mais de uma banca. Outras pessoas revendem produtos adquiridos no CEASA, o que gera desconforto entre alguns feirantes, no entanto, não há nenhuma lei que proíba essa prática.

São pequenos produtores que, apesar de hoje contar com cursos e orientações de órgãos públicos como a Conab e a Emater, aprenderam a arte de seus ofícios dentro de seus lares. São hábeis artesãos, primorosos agricultores, dispostos comerciantes donos de bar. São açougueiros, garçons, costureiras, salgadeiras, doceiras, bordadeiras e até mesmo comerciantes de produtos importados do Paraguai ou China, que fazem da feira algo tão singular.

Qualquer produtor pode se cadastrar para expor na feira, não deixando de observar que o “Código de Posturas do Município” determina que produtores de outros municípios não possam vender produtos que são produzidos por Capelinha. Não há obrigatoriedade de o



feirante ser um pequeno produtor. Há proprietários de bancas que terceirizam o atendimento. Não há custo para os feirantes, somente os bares têm o custo do alvará de funcionamento e da água e luz gastas. Para os outros feirantes, despesas como água, luz e limpeza e segurança são custeadas com o dinheiro público.

A feira é marcadamente caracterizada pela qualidade dos produtos oferecidos, o ambiente ímpar e as várias histórias e personagens que ali passam. A feira tem de tudo, desde alimentos, utensílios domésticos, artesanatos, entre outros. Tem muita conversa e uma mistura de cores, de sons, de cheiros e saberes. Um emaranhado de coisas, de cores, de sons, de cheiros, de saberes, de viveres. A feira tem vida e é parte intrínseca da vida dos cidadãos de Capelinha. “Sábado sem feira vira domingo”. Faz parte de sua história, de sua cultura, de sua tradição, de seu povo.

Outros feirantes, localizados do lado de fora do Mercado arrematam o cenário, aproveitando o fluxo de pessoas esperado nos dias de feira, expõem suas mercadorias no chão ou em pequenas barracas improvisadas.

A Prefeitura vem desenvolvendo ações de incentivo e apoio aos agricultores familiares. Há cerca de sete anos instituiu o “Transporte de Feirantes” ou “Projeto Feirante”. Por meio de uma consulta aos feirantes foi decidido o meio de transporte, o ônibus, que todo sábado de madrugada percorre as principais vias de acesso da zona rural do município. São ao todo 34 veículos e, apesar desse serviço ainda não abranger todos os feirantes, mesmo porque parte significativa deles pertence à outros municípios, a iniciativa tende a impulsionar e garantir o funcionamento da feira. Também estão desenvolvendo um projeto que visa a ampliar o mercado e sanar alguns problemas já detectados.

O espaço público da feira surge em contraposição ao espaço privado, representado pela residência de cada um dos visitantes. O primeiro se diferencia do segundo pela facilidade de acesso, por ser de trânsito livre e por não haver restrição de acesso. No sentido simbólico, como já citado anteriormente, o espaço exterior é o espaço da rua, da feira, do mercado, é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver.

8. Bens Relacionados:

Mercado Novo, bancas de vendas, Sabedoria Popular, medicina popular, a arte do cultivo, a Arte de fazer Doces, a Arte de fazer Farinha, o artesanato, a culinária, a arte de fazer biscoitos e bolos, em suma, toda a cultura popular está inserida e relacionada com a feira-livre.

9. Intervenções:

Como todo espaço público, o acontecimento da feira está impregnado de memória: as vendas que ocorriam nos ranchos (o “Rancho Piuzinho”, “Rancho do Tininho” ou “Rancho do Tinin Pimenta”, “Rancho do Major Batista”, “Rancho do Bernardo Pimenta” e o “Rancho do Jacinto José”), que eram organizados pelos fazendeiros: alguns nomes de

fazendeiros e tropeiros estão registrados no livro Casos, Lendas e Lorotas do Jequitinhonha. São eles: Nicodemos Evaristo, Manoel Preto, Ângelo Campos, Branco, João Arlindo (pai de Zé Batatinha), Tião Arlindo, José Neves, Serafim Carvalho, Tição, Gerson Martins, Zezinho de Arlindo, Seu Mingo, Silvio Pimenta, Bertulino, Clemente Azevedo. Posteriormente, a “Feira da Rua das Flores”, organizada pelo Coronel Jacinto José Ribeiro, e depois no mercado na Praça Castelo Branco até chegar onde está hoje.

10. Referências Bibliográficas:

ARGAN, Giulio Carlo. Historia da arte como historia da cidade. São Paulo: 1992. 280p.
 GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 949p.

MACHADO, José Carlos. Casos, Lendas e Lorotas do Jequitinhonha. Capelinha, MG:Ed. Do Autor, 2007.

NEVES, Tico. No Tempo das Gabirobas. Bauru, SP:Canal 6, 2009.

Entrevistas:

Sr. Osmano – Secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Capelinha

Feirantes: Guilherme Correa dos Santos; Dona Leonor Maria da Conceição; Dona Florentina, conhecida como Loira; Maria Aparecida de Souza, conhecida como Dona Reninha; Sr. Sebastião Valério de Oliveira.

Visitantes: Marcela e Damasceno; Geralda; Maria Gandra; Elisabete.

11. Mídia/Fotografias:



Foto 01: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e ao fundo. Predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento.



Foto 02: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e ao fundo. Predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 03: Vista da Ala Beira Rio esquina com a Av. Clóvis Pimenta Figueiredo. O Mercado localiza-se à esquerda.



Foto 04: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, esquina com Avenida Governador Valadares, com o mercado à esquerda.



Foto 05: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 06: Vista da edificação que abriga a feira, a partir da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo.



Foto 07: Vista posterior do mercado, com acesso pela Rua Geraldo Prisco



Foto 08: Vista posterior da edificação que abriga os açougues.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 09: Vista da Ala Jatobá, com o Mercado ao fundo.



Foto 10: Vista interior do mercado, antes da feira.



Foto 11: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 12: Vista da área descoberta da feira.



Foto 13: Vista da área descoberta da feira, com os produtos expostos no chão.



Foto 14: Vista da área descoberta da feira.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 15: Vista da área dos bares.



Foto 16: Vista interna do Mercado.



Foto 17: Venda de artesanato.



Foto 18: Venda de legumes e verduras.



Foto 19: Venda de farinha e feijão do tipo andu, produtos típicos da região.



Foto 20: Venda de queijo minas.

12. Informações Complementares:

Está sendo desenvolvido um projeto para o mercado, com o objetivo de ampliação física e outras melhorias. Os bares, as bancas de bijuterias e os trailers ganharão novos espaços do lado de fora da feira, com a finalidade de melhor organizar e separar os tipos de mercadorias oferecidas dentro do mercado. Serão construídos nove “box” na área externa do Mercado e os bares abrirão para o lado de fora do mercado, voltados para a ala Beira Rio. Isso possibilitará maior flexibilidade no horário de funcionamento desses estabelecimentos e prevenirá problemas que possam ocorrer devido a uso em excesso de bebidas alcoólicas nas manhãs de sábado.



Vista aérea do Mercado Novo, onde ocorre aos sábados a feira-livre de Capelinha.

Elaboração: Fabíola Martins

Fonte: Google Earth

13. Ficha Técnica:

Levantamento: Andrea Michelini, Fabíola Martins e Valesca Coimbra.

Data: Agosto de 2009.

Elaboração: Fabíola Martins M P Nunes **Data:** Dezembro 2009.

Revisão: Valesca Coimbra. **Data:** Janeiro 2009.

III. Delimitação e descrição da área de ocorrência



A delimitação de ocorrência direta da feira-livre visa resguardar o bem que está sendo registrado, no caso, a feira-livre de Capelinha que ocorre dentro do espaço físico do Mercado Novo, Ala Jatobá e Ala Beira Rio, representada pelo perímetro em vermelho do croqui acima. Já a delimitação de ocorrência indireta da feira-livre abrange todo o entorno imediato diretamente afetado durante a ocorrência da feira-livre aos sábados, representada pelo perímetro em azul do croqui acima.

Justificativa da definição dos perímetros de ocorrência direta e indireta da feira-livre de Capelinha.

O perímetro de ocorrência direta da feira-livre de Capelinha estabelecido em vermelho delimita uma área que resguarda toda a área do mercado novo propriamente dito e as alas Jatobá e Beira Rio, espaços que reforçam sua significação e relevância. A importância da feira-livre é representada não apenas pelo espaço arquitetônico onde ocorre o evento, sendo de grande relevância a relação com sua implantação no sítio e com os espaços que conduzem ao estabelecimento. Dessa forma, tanto o espaço físico do mercado novo, quanto a área



externa descoberta e os dois logradouros que participam diretamente da feira-livre, a ala Beira Rio e a ala Jatobá, além de criarem uma ambiência para o local, reforçam o lugar de acontecimento, mantendo os valores históricos, memoriais, culturais e econômicos do local, resguardando o lugar que deve continuar sendo uma feira-livre para as futuras gerações. Dessa forma, tais elementos se tornam elementos constituintes do bem imaterial, fundamentais para sua interpretação, memória, identidade cultural, histórica e arquitetônica. Além disso, tais elementos tornam o Mercado Novo mais visível no contexto urbano. Assim, este Perímetro de ocorrência direta da feira-livre de Capelinha garante que as intervenções dentro deste trecho passem pela aprovação do Conselho Municipal de Patrimônio para que se mantenha a integridade, a harmonia, a ambiência e a visibilidade do bem, para a atual e futuras gerações. No caso desse mercado, bem sem importância arquitetônica, com iluminação e ventilação deficientes, não há que se falar em tombamento do bem físico, que poderá ser demolido, desde que o lugar (imaterial) seja mantido e reformulado para a continuidade da feira-livre de Capelinha.

O perímetro de ocorrência indireta do entorno estabelecido delimita uma área que resguarda o entorno e a ambiência da feira-livre de Capelinha garantindo que todas as intervenções dentro deste perímetro passem pela aprovação do Conselho Municipal de Patrimônio para que se mantenha a integridade, a harmonia, visualização e a continuidade do bem imaterial. Nele estão contidos elementos com interesse de manutenção do espaço, como é o caso dos lotes vagos e ruas adjacentes, que possuem extrema importância para a contextualização do bem por necessidade de espaço para os veículos e pedestres. As ruas que participam desse entorno, fechando o perímetro de ocorrência indireta marcado no mapa em azul são: Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, Rua das Flores, Rua Geraldo Prisco, Rua Raul Coelho, Rua Governador Valadares, Rua Santa Cecília e os lotes vagos que colaboram como estacionamentos e difusores das permutas e comércios informais que ocorrem em torno da feira-livre. Julga-se necessário que se contenha a verticalização dentro deste perímetro azul, de forma a não afetar a visibilidade do Mercado e, consequentemente, da feira-livre de Capelinha. O perímetro de ocorrência indireta visa proteger a ambiência da feira-livre, que valorizará sua visão e sua compreensão no espaço urbano, mantendo-se a harmonia e integração com o entorno imediato a fim de resguardar a economia e comércios informais que ocorrem em função da existência da feira nesse lugar.

Descrição da área de ocorrência direta

Como citado e mostrado no croqui de delimitação acima, a área de ocorrência direta da feira-livre é o próprio mercado novo e as alas Beira Rio e Jatobá que fazem parte diretamente do espaço da feira.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

O Mercado Novo é implantado de maneira longitudinal no terreno. Não possui afastamentos laterais. Possui um pequeno afastamento frontal. Segue um partido retangular que se repete três vezes. Cada uma dessas partes apresenta cobertura metálica de duas águas. A edificação apresenta-se pintada na cor branca. O mercado é em alvenaria, as paredes são de tijolos maciços. Possui três portões na fachada frontal (voltada para Av. Clóvis Pimenta Figueiredo) e três portões na fachada posterior (voltada para a ala Jatobá e para a Rua Geraldo Prisco). Na fachada posterior, entre o segundo e o terceiro portão a edificação continua, formando as lojas que abrigam os açouguês, e entre o primeiro e o segundo portão há uma pequena construção, anexa à edificação principal, que abriga um precário banheiro e dois tanques. Como a edificação não possui janelas nas laterais, a iluminação é deficiente. Não apresenta nenhum tipo de abertura zenital para favorecer a iluminação e ventilação naturais. Além disso, o mercado não possui nenhum tratamento acústico, não havendo, assim, dispersão adequada do som. Ambos estes motivos levam alguns feirantes a abandonar suas bancas no interior do mercado e expor seus produtos muitas vezes no chão do exterior do mercado. A edificação principal, sem estilo arquitetônico definido, abriga um grande galpão, com duas filas centrais de pilares. Na lateral esquerda se localizam os bares, que possuem acesso à água e energia elétrica. Próximas aos bares estão as mesas para uso dos visitantes da feira, ao lado delas um pequeno corredor e em seqüência, barracas semelhantes às de camelôs que vendem bijuterias e artesanato. No restante do espaço do mercado estão localizadas as pequenas bancas. Os produtos são expostos na parte superior, e a porção inferior funciona como um armário, que pode ser trancado, em algumas bancas. Reveste-se de grande significado cultural e histórico a feira-livre que se realiza no Mercado Municipal de Capelinha. A feira-livre de Capelinha ocorre sempre aos sábados, organizada pelo Sr Osmano, funcionário da Secretaria do Meio Ambiente de Capelinha e hoje conta com 533 barracas, bares e trailers reunidos em um só local, o Mercado Novo. A feira começa a ser montada na sexta à noite, abre às 4 horas do sábado e vai até as 14 hora, sendo de responsabilidade da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente. Como todas as feiras livres, a feira de Capelinha é um lugar movimentado, cheio de cores, sons e cheiros. Cheiro das especiarias, do fumo, das frutas, das palhas dos cestos, dos doces, dos queijos, das ervas medicinais. Colorido dos legumes, das hortaliças, das suculentas frutas, das bijuterias, das roupas. Pessoas transitam em ruidoso barulho, examinam, pechinham, conversam ou simplesmente passeiam. Outras, já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses. Cumprimentos exaltados, notícias a circular, risadas. Tudo ecoa no comprido galpão onde estão distribuídas as barracas, os bar, os trailers. Todo esse conjunto forma um inusitado e belíssimo mosaico, que ganha toque especial com os raios de sol que timidamente invadem o ambiente. Além do mercado já descrito, participam também da feira-livre as alas Beira Rio e Jatobá, logradouros públicos usados pelos feirantes e transeuntes durante a feira. A ala



Jatobá inicia na Rua Eraldo Prisco e termina junto ao mercado. Já a Ala Beira Rio inicia-se na Rua Geraldo Prisco e termina na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo. Essa via é fechada durante a feira, evitando-se o trânsito de carros no local, ganhando-se área para a ocorrência da feira.

Descrição da área de ocorrência indireta

Como citado e mostrado no croqui de delimitação acima, a área de ocorrência indireta da feira-livre é o próprio entorno imediato com as ruas adjacentes e lotes vagos lindeiros. A Feira-livre acontece no Mercado Novo, que se localiza na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, s/nº Centro, Capelinha/MG. Esta via é pavimentada com asfalto. Na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, próximo à Rua das Flores, há o predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Na porção mais próxima à feira há o predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Presença de edificações comerciais. Ao lado do Mercado há uma via estreita, a Ala Beira Rio, que apresenta calçamento de pedras, e apresenta trânsito de mão única. Em frente ao Mercado, na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, há um lote vago utilizado como estacionamento. Este estacionamento não apresenta calçamento, o chão é de terra batida. Na esquina da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo com a Rua Governador Valadares há uma edificação que abriga uma agência da Caixa Econômica Federal. A Rua Governador Valadares possui calçamento de pedras, e suas edificações apresentam, em sua maioria, um pavimento, havendo, também, edificações com acréscimo de segundo e terceiro pavimentos, sem estilo arquitetônico definido. Há um lote vago murado. Na porção da Rua Governador Valadares, próxima à rua Sta. Cecília, há um predomínio de edificações comerciais de um pavimento. Em sua porção mais próxima à Rua Geraldo Prisco onde há um predomínio de edificações de dois pavimentos. Na esquina entre essas duas vias há um posto de gasolina. Na Rua Geraldo Prisco ocorre o predomínio de edificações de um pavimento, mas há uma edificação em construção que possuirá mais de dois pavimentos. Na Rua Raul Coelho, próximo à Rua Geraldo Prisco há uma pequena praça com palmeiras. A porção dos fundos descoberta da feira, localizada na Rua Geraldo Prisco é dividida por uma fila de edificações, que abriga os açouguês. Em frente à feira, na Rua Geraldo Prisco, há um grande lote vago com um precário sistema de drenagem, sem cobertura ou proteção para os pedestres. A Rua das Flores é uma via de mão dupla, asfaltada, e o passeio é estreito. Na Rua das Flores, esquina com a Rua Geraldo Prisco, predominam as edificações de um pavimento. Nesta Rua há um lote vago, sem muro, que possibilita a visão do mercado e da parte externa da feira. Na Rua das Flores, próximo à Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, há edificações comerciais. Há edificações com acréscimo de segundo e terceiro pavimentos. Esse entorno das ruas adjacentes ao mercado e as residência e comércios do entorno criam uma atmosfera única que faz com que a feira-livre seja



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

singular, uma vez que seu entorno também é único. Esse perímetro indireto resguarda a ocorrência informal da feira e estacionamentos, necessários e inerentes à mesma.

Abaixo a planta dos perímetros em escala.



IV. Salvaguarda e Valorização

Com relação aos problemas mais freqüentes da feira o Sr. Osmano, Secretário de Meio Ambiente de Capelinha, pondera que “toda concentração de massa dá problemas”. Mediante entrevistas e análise técnica, foram identificados problemas e conflitos relativos tanto à infra-estrutura e ao funcionamento da Feira, quanto à apropriação e uso da área a ela destinada.

Na primeira ordem dos problemas, relacionados à infra-estrutura e funcionamento da Feira está a má organização espacial das bancas. Elas estão dispostas no sentido longitudinal, coladas umas as outras formando compridos e estreitos corredores de circulação. O bloqueio de passagem, devido à concentração de pessoas é freqüente nestes corredores. Além disso, não há espaços para a circulação transversal, obrigando a improvisação dos feirantes e usuários que afastam e desalinharam um poucos as bancas para permitir o acesso. O mercado está pequeno para abrigar todos os produtores cadastrados, sendo comum a exposição de mercadorias no chão. Ocorre, que muitos destes produtores se aglomeram próximos às entradas do mercado, obstruindo e estreitando a passagem.

Outro problema refere-se à própria estrutura física do mercado. A edificação não possui sistemas de iluminação e ventilações naturais eficientes. As lâmpadas artificiais ficam acesas durante toda a feira e mesmo assim, o ambiente possui índice de iluminação abaixo do indicado. A inadequação da iluminação também é verificada na área externa, pois a feira se inicia na madrugada e os feirantes deste local, contam apenas com os postes de iluminação pública. A ausência de cobertura na parte externa também prejudica o funcionamento da feira, pois ora os feirantes e usuários estão expostos ao sol escaldante, ora à chuva. Internamente, as condições de conforto são inadequadas. A pouca ventilação natural e a ausência de revestimento térmico no telhado metálico contribuem para aumentar a temperatura interna. Em dias quentes, o calor torna-se insuportável, relatam alguns feirantes. Em dias de chuva, o problema é o excesso de barulho das gotas batendo nas telhas metálicas. Problemas estes apontados por dona Neuza, feirante, que diz não agüentar trabalhar dentro do Mercado devido ao barulho. Reclama ainda da pouca luz dentro do mercado que dificulta para dar o troco durante as vendas. Diz preferir expor suas mercadorias do lado de fora, no chão, sob chuva e sol e mesmo que com a ampliação prevista para o mercado não quer trabalhar dentro dele. Prefere que seja feita uma coberta do lado de fora, onde é mais “tranquilo”.

Outro problema refere-se à sujeira em alguns pontos da feira, especialmente por restos de alimentos e produtos consumidos. São cascas e restos de hortaliças, frutas, legumes, folhas de bananeira usadas para embalar mercadorias, penas e fezes de galinhas, milho, latas de refrigerantes, guardanapos, saquinhos de papel. A limpeza



ocorre após a realização da feira e não foram identificadas lixeiras. Segundo relatos, um cômodo foi improvisado como depósito de restos de carnes dos açouguês, mas o mesmo não atende às normas de vigilância sanitária, exalando um cheiro horrível.

Ainda relacionado à falta de higiene e sanitização, não há um local adequado para que os feirantes possam lavar suas mercadorias, mãos e utensílios. Os dois tanques existentes estão quebrados e sem torneiras. Outras questões referem-se a venda de peixes e frangos sem refrigeração e a circulação de animais entre as bancas, como cachorros e insetos que podem contaminar os produtos.

Outro problema relaciona-se a fiscalização ineficiente por parte da Prefeitura. Segundo relatos, o trabalho dos camelôs e dos atravessadores que compram os produtos e revendem na feira, inflacionam os preços e afastam compradores que, por vezes, acabam dando preferência aos mercados. Contam ainda que há pessoas cadastradas, mas que não utilizam as bancas, deixam-nas ociosas ou cobram aluguel do produtor que não possui.

Alguns produtores reclamaram sobre o transporte oferecido pela Prefeitura, alegando que os ônibus chegam à Feira tarde, depois do dia amanhecer (ressalta-se que a feira se inicia às 04:00 da madrugada) e com isto perdem vendas para quem tem condições de vir no dia anterior ou tem meio de transporte próprio.

Na ordem dos conflitos relacionados ao uso e a apropriação dos espaços, Sr. Osmano exemplifica o problema que tiveram com os taxistas que estavam bloqueando os portões de acesso ao mercado. Fala também a respeito da questão dos bares, do consumo de bebidas alcoólicas. A mesma questão é levantada por Valdo, vigia da feira, que reclama do alto consumo de bebidas que por vezes têm provocado confusões e desrespeito com os demais freqüentadores da feira.

Outra questão ocorre pela indevida apropriação dos jardins e espaços frontais do mercado por trailers de lanches rápidos. Os mesmos estão instalados sobre os canteiros, danificando-os, dificultando os acessos e prejudicando a ambição do mercado. Verifica-se, inclusive o início de um anexo em alvenaria, junto à uma das entradas.

As fotos abaixo, fotografadas por Valesca Coimbra, Andréa Michelini e Fabíola Martins, em setembro e outubro de 2009, ilustram os problemas apontados.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Iluminação insuficiente na área externa do mercado



Corredores estreitos de circulação e ausência de espaços para andar entre os corredores.



Cômodo improvisado para depósito de restos de carnes e produtos vendidos nos açougues



Tanques quebrados e sem torneiras



Rejeitos espalhados no chão



Lixo e rejeitos espalhados no chão, junto com as mercadorias ofertadas.



Peixe vendido sem condições adequadas de higiene e refrigeração.



Frangos vendidos sem adequada refrigeração.



Cachorros circulando em meio às bancas



Bancas sem mercadorias e usadas como depósito.



Exposição às intempéries dos feirantes localizados na área externa



Barraca montada na entrada do mercado, obstrução de parte da passagem



Trailers na entrada e no jardim



Trailers e barracas na entrada. Destaque para a construção anexa iniciada

Todas estas questões apresentadas apontam para a necessidade de melhorias no sistema de planejamento, gestão, controle e fiscalização da Feira-Livre de Capelinha, “de modo a se evitar a atratividade excessiva desse conjunto e um crescimento e uma apropriação de espaços descontrolados, o que poderá vir a comprometer seu desempenho e sustentabilidade no longo prazo”¹¹.

Foram identificadas algumas ações a serem providenciadas pelos organizadores e promotores da Feira, discriminadas no cronograma abaixo:

Ação	2010				2011				2012			
	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT
Consolidar parcerias com instituições ligadas à produção rural familiar	x	x	x	x	x	x	x	x				
Capacitar feirantes para manuseio adequado de alimentos em respeito às legislações sanitárias					x	x	x	x				
Capacitar feirantes para administrar sua produção e valoração correta dos produtos					x	x	x	x				
Elaborar o regimento interno ou normas de conduta na Feira, de maneira participativa com os feirantes	x	x	x									
Intensificar a fiscalização, priorizando ações educativas e evitando a apropriação indevida das bancas			x	x	x	x	x					
Desenvolver material interpretativo da feira, destacando suas tradições, valores e características	x	x			x	x			x	x		

¹¹ SANT'ANA, Márcia. PARECER Nº 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE

Ação	2010				2011				2012			
	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT	1ºT	2ºT	3ºT	4ºT
Incentivar as manifestações culturais na feira					x	x	x	x	x	x	x	x
Fornecer água adequada para consumo	x	x	x									
Reformar o galpão do mercado, melhorando as condições de conforto e iluminação.	x	x	x	x	x							
Retirada dos trailers e barracas na frente do mercado	x	x										
Controle do acesso de animais na feira	x	x										
Promover campanhas educativas aos feirantes e usuários no que diz à produção de lixo e dejeitos.			x	x	x	x						
Fornecer local adequado para disposição de resíduos sólidos e rejeitos alimentícios		x	x	x								
Instalação de lixeiras	x	x	x	x								
Promover limpezas e coletas de lixo durante a feira	x	x	x									
Fornecer local e água adequada para manipulação de alimentos e utensílios pelos feirantes	x	x	x	x								
Ampliar a área coberta da feira.	x	x	x	x								
Fornecer um espaço para depósito de mercadorias para os feirantes	x	x	x	x								
Melhorar o lay out interno das bancas.	x	x	x	x								
Implantar programas de fortalecimento e valorização do artesão, de modo a garantir sua sobrevivência em meio à venda de produtos industrializados já existentes				x	x	x	x	x				
Criar um sistema de maior restrição à entrada de novas mercadorias industrializadas e oriundas do CEASA	x	x	x	x								

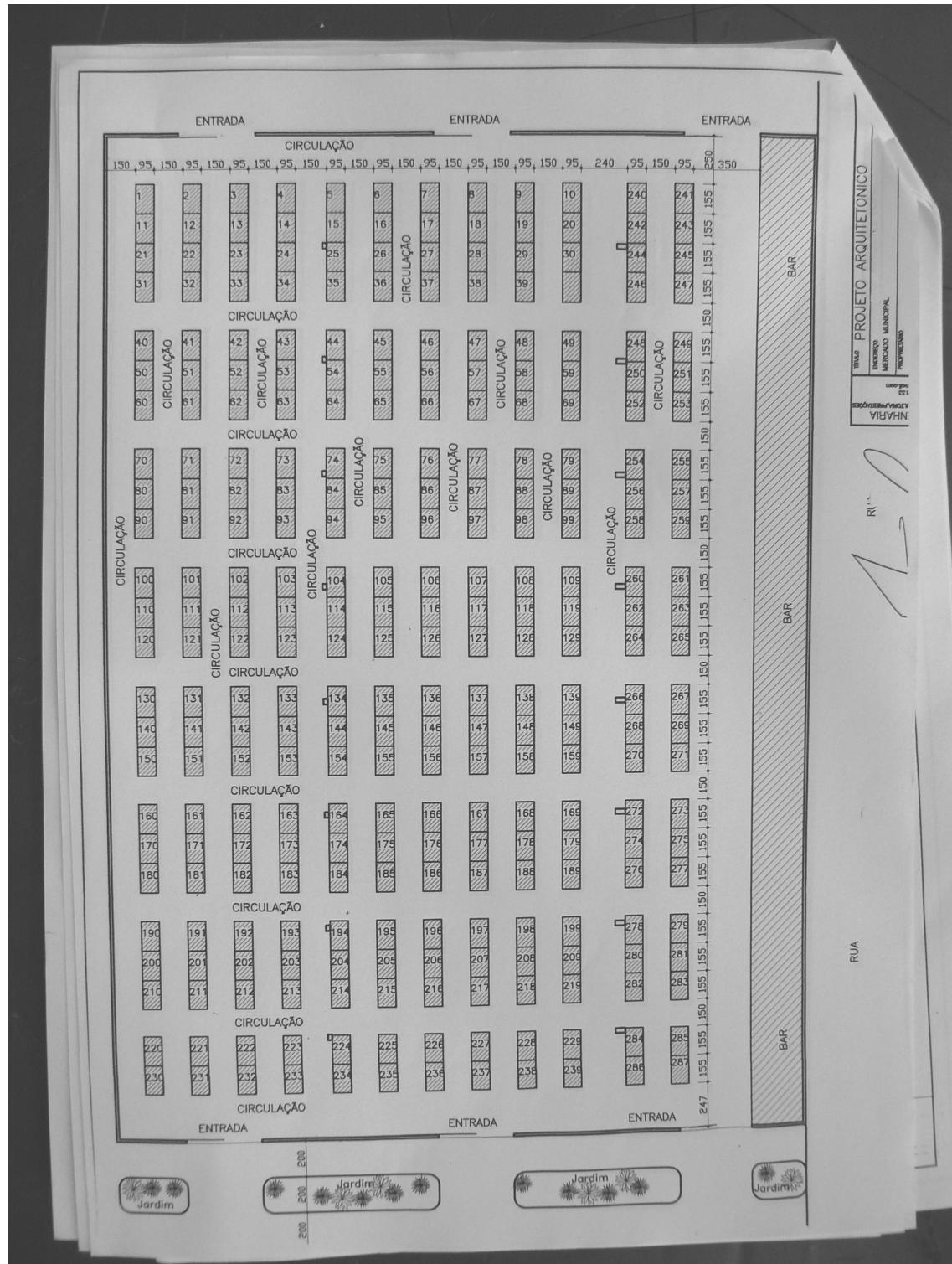
A Prefeitura possui um projeto de ampliação do mercado, com a construção de um galpão para abrigar as barracas de bijouterias e produtos industrializados, deixando a área interna do mercado exclusiva para os feirantes. No projeto consta um novo lay out com disposição das bancas, prevendo-se a circulação adequada. Os bares também serão abertos para a ala Beira Rio, separando o uso do espaço dos bares da feira. Tanto Valdo como o Sr. Osmano dizem acreditar que, com o novo projeto, parte desses problemas serão resolvidos, principalmente no que tange ao problema de espaço dentro do mercado, garantindo assim a qualidade e conforto do feirante e do público.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

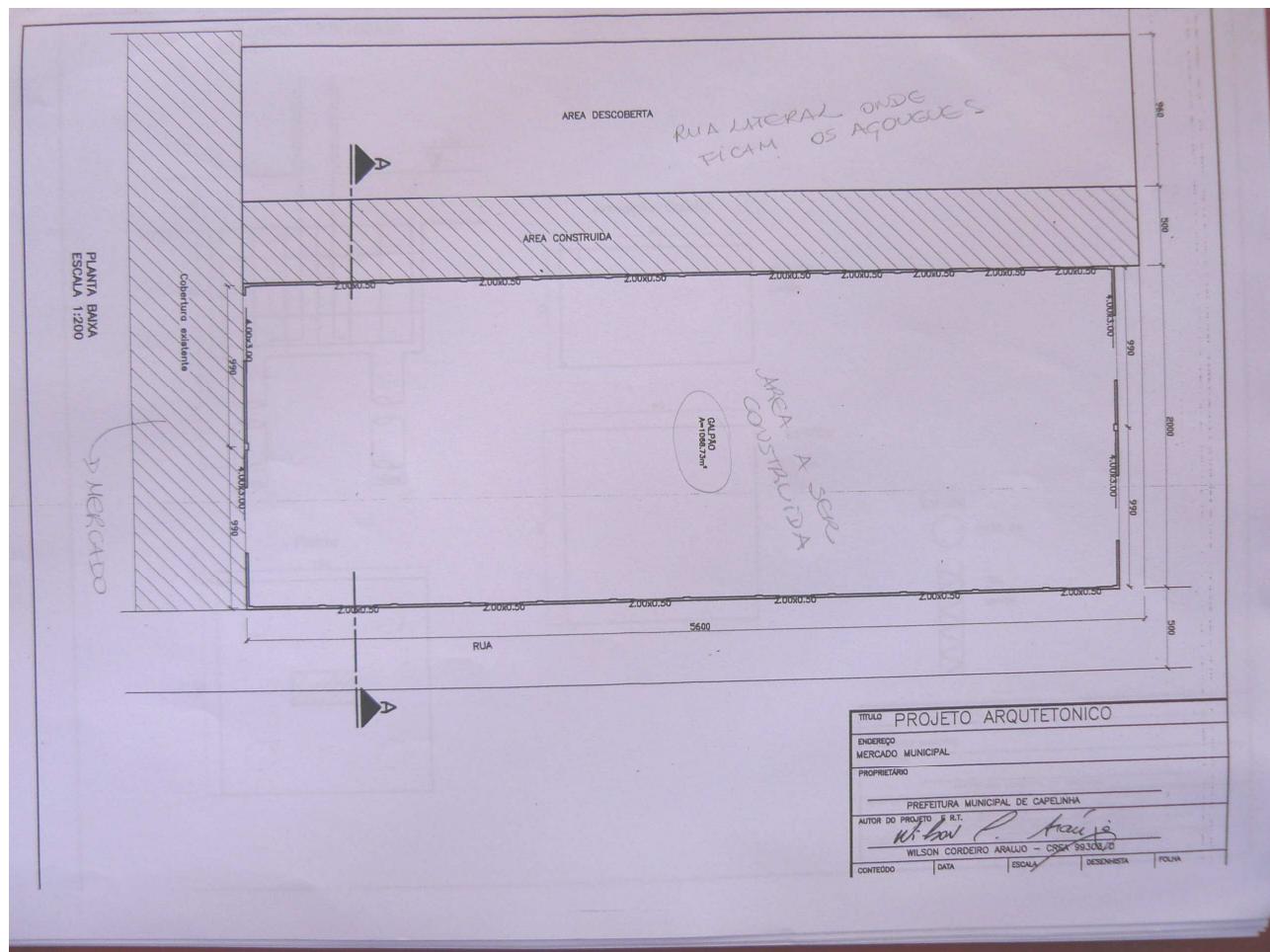
Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial Feira-Livre de Capelinha

Abaixo cópias do projeto de alteração do layout do mercado e do novo galpão a ser construído.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



V. Documentação Fotográfica

14. Fotografias: As fotografias foram tiradas em setembro e outubro de 2009 por Andrea Michelini, Valesca Coimbra e Fabíola Martins.



Foto 01: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e ao fundo. Predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Seta indica o mercado



Foto 02: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo. Predomínio de edificações de um pavimento, com algumas que sofreram acréscimo do segundo pavimento. Presença de edificações comerciais. Seta indica o mercado



Foto 03: Vista da Rua das Flores esquina com Av. Clóvis Pimenta Figueiredo.



Foto 04: Vista da Rua das Flores esquina com Av. Clóvis Pimenta Figueiredo.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 05: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e ao fundo.



Foto 06: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e ao fundo. Seta indica o mercado



Foto 07: Vista da Ala Beira Rio esquina com a Av. Clóvis Pimenta Figueiredo. O Mercado localiza-se à esquerda.



Foto 08: Vista de um lote vago utilizado como estacionamento, na Av. Clóvis Pimenta Figueiredo.



Foto 09: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo.



Foto 10: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à direita e na frente.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 11: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à esquerda e na frente. Seta indica o mercado



Foto 12: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, com o mercado à esquerda. Seta indica o mercado



Foto 13: Vista da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo, esquina com Rua Governador Valadares. Presença de edificações comerciais e banco.



Foto 14: Vista da Rua Governador Valadares. Predomínio de edificações de um pavimento. Presença de edificações com acréscimo de pavimentos.



Foto 15: Vista da Rua Governador Valadares. Presença de um lote vago. Rua com calçamento de pedras.



Foto 16: Vista da Rua Governador Valadares, esquina com Rua Santa Cecília. Edificações comerciais de um pavimento.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 17: Vista da Rua Governador Valadares. Grande número de edificações comerciais. Predomínio de edificações de dois pavimentos.



Foto 18: Vista da Rua Governador Valadares esquina com a Rua Geraldo Prisco. Presença de um posto de gasolina.



Foto 19: Vista da Rua Geraldo Prisco. Predomínio de edificações de um pavimento.



Foto 20: Vista da Rua Governador Valadares, esquina com a Rua Geraldo Prisco.



Foto 21: Vista da Rua Geraldo Prisco, esquina com a Rua Raul Coelho.



Foto 22: Vista da praça existente na Rua Raul Coelho.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 23: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 24: Vista da Rua Geraldo Prisco, esquina com a Rua Raul Coelho.



Foto 25: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 26: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 27: Vista da área da feira com acesso pela Rua Geraldo Prisco.



Foto 28: Vista da Rua Geraldo Prisco. Predomínio de edificações de um pavimento.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 29: Vista da Rua Geraldo Prisco. Presença de lote vago em frente à feira.



Foto 30: Presença de sistema de drenagem no lote vago.



Foto 31: Vista da Rua Geraldo Prisco. A feira se localiza à esquerda.



Foto 32: Vista da Rua Geraldo Prisco. Predomínio de edificações de um pavimento.



Foto 33: Vista da Rua Geraldo Prisco. A feira se localiza a esquerda da foto.



Foto 34: Vista da Rua das Flores esquina com a Rua Geraldo Prisco. Predomínio de edificações de um pavimento.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 35: Vista da Rua das Flores esquina com a Rua Geraldo Prisco. Predomínio de edificações de um pavimento.



Foto 36: Vista da Rua das Flores. Predomínio de edificações de um pavimento.



Foto 37: Vista da feira a partir de um lote vago na Rua das Flores.



Foto 38: Vista da Rua das Flores esquina com a Av. Clóvis Pimenta Figueiredo. Predomínio de edificações de um pavimento.



Foto 39: Vista da edificação que abriga a feira, a partir da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo (fachada frontal).



Foto 40: Vista da edificação que abriga a feira, a partir da Av. Clóvis Pimenta Figueiredo esquina com Ala Beira Rio. Presença de policiamento.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 41: Vista dos fundos da feira, na sexta à noite, antes da ocorrência da feira. Vista da fachada posterior pela Ala Jatobá e Rua Geraldo Prisco.



Foto 42: Vista dos fundos da feira, durante a ocorrência da feira.



Foto 43: Vista da área dos bares da feira, na sexta à noite, antes da ocorrência da feira.



Foto 44: Vista da área dos bares da feira, durante a ocorrência da feira no sábado.



Foto 45: Vista dos produtos vendidos nos bares.



Foto 46: Vista dos produtos vendidos nos bares.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 47: Vista dos produtos vendidos nos bares.



Foto 48: Vista dos produtos vendidos na feira, próximo aos bares.



Foto 49: Vista da disposição das barracas da feira, antes da ocupação pelos feirantes.



Foto 50: Vista da disposição das barracas da feira, antes da ocupação pelos feirantes



Foto 51: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta na ala Jatobá.



Foto 52: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Presença de veículos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 53: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Exposição de produtos sobre lonas, no chão.



Foto 54: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Exposição de produtos em barraquinhas. Venda de artesanato e bijuterias.



Foto 55: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Exposição de produtos em barraquinhas. Venda de artesanato.



Foto 56: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Exposição de produtos em barraquinhas. Venda de animais para abate.



Foto 57: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Exposição de produtos em sacos e mesas improvisadas. Venda de grãos e



Foto 58: Vista do portão de acesso da área externa de vendas. A passagem é dificultada pela presença das bancas de vendas.

queijos.



Foto 59: Vista dos fundos da feira. Área de vendas descoberta. Venda de animais em gaiolas.



Foto 60: Presença de um beco nos fundos da feira.



Foto 61: Detalhe de um beco nos fundos da feira.



Foto 62: Detalhe de um beco nos fundos da feira. Presença de um banheiro.



Foto 63: Detalhe de um beco nos fundos da feira. Presença de tanques.



Foto 64: Vista dos fundos da edificação da feira. Área de vendas descoberta. Venda de grãos em sacos.

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 65: Vista do interior da feira. Venda de artesanato em barracas improvisadas.



Foto 66: Vista do interior da feira. Venda de frutas, verduras e legumes.



Foto 67: Vista do interior da feira. Venda de farinha.



Foto 68: Vista do interior da feira. Venda de feijão andu, produto típico da região.



Foto 69: Vista do interior da feira. Venda de flores.



Foto 70: Vista dos fundos da feira. Presença de açougueiros.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 71: Vista do interior de um açougue. As carnes ficam expostas, sem refrigeração.



Foto 72: Vista dos fundos da feira. Presença de açougues.



Foto 73: Vista do interior da feira. Uso de balança analógica.



Foto 74: Vista do interior da feira. Uso de balança digital.



Foto 75: Detalhe de uma das barracas, que estava desocupada.



Foto 76: Vista do interior da feira. Venda de doces típicos do interior de minas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha



Foto 77: Vista do interior da feira. Venda de biscoitos.



Foto 78: Vista do interior da feira. Venda de verduras.



Foto 79: Vista do interior da feira. Venda de fumo de rolo.



Foto 80: Vista do interior da feira. Venda de grãos e farinha em uma das extremidades das filas.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

VI. Registro audiovisual

O registro audiovisual consta de pequenas filmagens e entrevistas em MP3 durante um dia de feira e se encontra em DVD anexo.

VII. Ficha Técnica

Setor de Patrimônio Cultural e Conselho Municipal do Patrimônio Cultural

- Sônia A. Sampaio de Araújo _____
- Elisângela Gomes de Alcântara _____
- Ronald Aloísio C. T. Viana _____
- Regisllainy Cobuci _____

Consultoria Contratada: PRESERVE – Instituto Mineiro de Preservação Ltda.

- Andréa Michelini Moura _____
Arquiteta e Especialista em auditoria ambiental
- Valesca Coimbra _____
Arquiteta e Mestre em planejamento urbano - ambiental
- Suely Monteiro – historiadora
- Stefânia Perna - Arquiteta
- Fabíola Martins – estagiária arquitetura

Coordenação geral:

Sônia A. Sampaio de Araújo

Andréa Michelini Moura

Suely Monteiro

Coordenação dos trabalhos técnicos:

Valesca Coimbra

Fotografias:

Valesca Coimbra

Andréa Michelini Moura

Acervo Secretaria Municipal de Cultura

Identificação - Levantamento de fontes e trabalhos de campo:

Valesca Coimbra

Andréa Michelini Moura

Sônia A. Sampaio de Araújo

Elisângela Alcântara

Fabíola Martins

Desenhos Técnicos:

Valesca Coimbra

Fabíola Martins

Revisão:

Sônia A. Sampaio de Araújo

Arquivamento:

Elisângela Gomes de Alcântara

Tratamento, consolidação das informações e textos técnicos:

Valesca Coimbra



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

VIII. Agradecimentos

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram para a elaboração deste dossiê. Agradecemos em especial à Sônia Sampaio e à Branca, pela grande dedicação, que se empenharam ao máximo para realização deste trabalho, buscando fornecer todas as informações solicitadas. Agradecemos também ao Sr. Osmano pelas preciosas informações.

Queremos oferecer um fraterno agradecimento aos feirantes e visitantes da feira que, através de suas histórias, “causos” e produtos, nos ajudaram a perceber o *Genius Loci* da Feira-Livre de Capelinha.

Belo Horizonte, 01 de dezembro de 2009.

Valesca Coimbra e Andréa Michelini
PRESERVE – Instituto Mineiro de Preservação Ltda.

IX. Referências Bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio Cultural: valores e sociedade civil. In: MIRANDA, M. P. de S.; ARAÚJO, G. M.; ASKAR, J. A. Mestres e conselheiros: manual de atuação dos agentes do patrimônio cultural. Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. Vicissitudes de um conceito: o lugar e as políticas de patrimônio. In: Arquitetura e Conceito – EAUFMG, BH, 2003. CD-ROOM.
- CASTRO, Sônia Rabello de. O Estado na Preservação de Bens Culturais.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: 1994. 996p
- CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 175-203.
- COUTINHO, Edilma P.; et all. Feiras Livres do Brejo Paraibano. XLIV CONGRESSO DA SOBER. Fortaleza, 2006.
- Declaración de Foz do Iguaçu. In: MIRANDA, M. P. de S.; ARAÚJO, G. M.; ASKAR, J. A. Mestres e conselheiros: manual de atuação dos agentes do patrimônio cultural. Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- Folhetos de propaganda e roteiros turísticos.
- Fórum DLIS – Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável de Capelinha. Diagnóstico Participativo Município de Capelinha – 2002/2003.
- MACHADO, José Carlos. Casos, Lendas e Lorotas do Jequitinhonha. Capelinha, MG: Ed. Do Autor, 2007.
- MACHADO, José Carlos. Senhora da Graça de Capelinha. Contagem: Lithera Maciel, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme; MORGANO, Naira. Futebol de Várzea também é patrimônio. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, p 77-96, 1996.
- NEVES, Tico. No Tempo das Gabirobas. Bauru, SP: Canal 6, 2009.
- Organização Place Matters. Projeto lançado visando à conservação dos lugares históricos e culturais da cidade de Nova Iorque. Disponível em HTTP://www.placematters.net/pm_mission.html
- SAINT HILAIRE, Auguste de. Viagens pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Trad. Vivaldi Moreira. São Paulo: USP, 1975.
- SANT'ANA, Márcia. PARECER Nº 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE. Brasília: IPHAN, 2006.
- SENNA, Nelson de. A Terra Mineira. Belo Horizonte Oficial de Minas Gerais, Tomos I, II, 1926.
- SILVA, Armando Corrêa de. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1988.
- VEIGA, Ana Cecília Rocha. Mapeamento urbanístico: a materialidade da dimensão intangível do patrimônio cultural urbano. Dissertação (mestrado). Escola de Arquitetura, UFMG. Belo Horizonte, 2005.
- www.agricultura.gov.br
- www.iphan.gov.br

Entrevistas:

Feirantes

D. Seluta

Sra. Lourentina (Lôra)

Sebastião Valério de Oliveira

Leonor Maria da Conceição Gomes



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Guilherme Cordeiro dos Santos
Neusa de Souza
D. Geralda
Maria Aparecida de Souza (Reninha)

Visitantes

Sr. Damasceno e Sra. Marcela
D. Geralda
Maria Gandra
Sr. Vicente
Aldair Paranhos
D. Nina
Sra. Elizabete

Agentes da Prefeitura Municipal

Sr. Valdo
Sr. Osmano
Sra. Sônia Sampaio



X. Documentos

A. Parecer Técnico

A Feira-Livre de Capelinha sempre foi um meio importante de troca e escoamento da produção agrícola do município. Inicialmente interligada às atividades dos tropeiros, era o meio pelo qual o produtor rural experimentava e tinha contato com o mundo exterior ao seu meio. Pontos de encontro, passeio, negócios, entretenimento. A feira sempre movimentou a cidade e o entorno dos locais onde ocorria. Desde o tempo dos primitivos ranchos até o mercado novo, a feira possui uma característica ímpar: extrapola o limite físico determinado e apropria-se das vias e largos, num burburinho de pessoas, feirantes, pregoeiros, compradores, transeuntes.

As feiras-livres ocorreram nos ranchos privados até a década de 1960 quando foi construído o primeiro mercado municipal público, na praça Castelo Branco, onde hoje é a Rodoviária. Na década de 1980, devido à necessidade de ampliação do espaço, construiu-se um novo Mercado Municipal, local de ocorrência da Feira atualmente, situado no vale do ribeirão Areão que corta a cidade, entre as ruas Clovis Pimenta Figueiredo e Geraldo Prisco.

A Feira-Livre de Capelinha é local onde se desenvolvem as atividades de produção, comercialização e consumo de bens de diferentes naturezas. É também o local onde ocorrem as relações sociais, de trabalho, de convívio, de expressão cultural do capelinhense. Conforme relembra Maria Sant Anna, diretora do IPHAN:

As feiras e os mercados, por tudo isso, são verdadeiros complexos de bens culturais que congregam diversos ofícios e modos de fazer; que abrigam ou suscitam organizações espaciais, soluções construtivas e de design freqüentemente originais, e para onde convergem saberes e formas de expressão as mais variadas. Por isso, as feiras e mercados têm muito a dizer e a informar sobre a vida, os hábitos, a alma e a cultura de um povo. Não é por outra razão que muitos viajantes afirmam que uma das melhores maneiras de conhecer uma cidade ou um país é freqüentar suas feiras e mercados¹².

É por isso, que a Feira-Livre de Capelinha não é apenas o espaço da troca e do convívio, mas, é, verdadeiramente, o *Lugar*, caracterizado por sua singular identidade. Identidade esta formada pelas diversas expressões e manifestações

¹² SANT'ANA, Márcia. PARECER Nº 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

culturais, antigas e atuais, das comunidades de Capelinha e região, e pela maneira como cada cultura se relaciona com o próprio ambiente da Feira.

A Feira possui enorme importância cultural para a comunidade. É local de referência viva da história e cultura de Capelinha. O hábito de freqüentar a feira é transmitido através das gerações. São freqüentes os relatos: “quando criança eu vinha com meu pai na feira” ou “desde pequena ajudava minha mãe na feira”. É impensável um sábado sem feira. A população é freqüentadora assídua. Há aqueles em busca um lazer e entretenimento: “vim para olhar o movimento”, relata Aldair Paranhos; outros chegam de outras cidades para beber uma cervejinha e comer tiragostos. Há também aqueles que buscam alimentos de qualidade e com variedade, e também produtos raros, comidas típicas. Outros se encantam com o artesanato de barro e as flores de campo.

Além dos produtos que expressam as formas tradicionais de fazer e criar, a Feira expressa formas tradicionais de comercialização e troca, adquiridas pela sabedoria popular.

É certo que produtos industrializados foram inseridos às produções artesanais, o que, a primeira vista, pode representar uma descaracterização. Entretanto, esta convivência harmônica do tradicional com o novo atesta a capacidade de adaptação aos novos tempos e “que a feira está no mundo e que também se alimenta da globalização e das contradições do capitalismo avançado”¹³.

Os valores histórico e cultural da Feira de Capelinha, que persiste há mais de 100 anos, são inquestionáveis, assim como seu valor econômico, que se alimentam mutuamente, estimulando a economia local. E estes valores

estão presentes no vínculo espacial e funcional da feira com a área central da cidade; nos produtos artesanais que ali são comerciados e, eventualmente, confeccionados; nos saberes e conhecimentos tradicionais que esses produtos mobilizam, como o que orienta o uso de ervas e propicia o exercício da medicina popular; nas expressões artísticas que a feira abriga e enseja; nas memórias que evoca; na gastronomia típica a que ali se tem acesso; na variedade dos produtos agrícolas regionais que nela encontram mercado e fomentam a preservação de sistemas agrícolas tradicionais; na criatividade contida em muitos produtos e também no modo como se comercia. Em suma, a feira como um Lugar que abriga tudo isso e que reverbera como referência para além da cidade, e da região onde está¹⁴.

¹³ SANT’ANA, Márcia. PARECER N° 005/06 – DPI – Registro da Feira de Caruaru/PE

¹⁴ Idem.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELinha
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Por todos estes valores e pelo que representa para a comunidade de Capelinha e região, apresento parecer favorável para a inscrição da Feira-Livre de Capelinha no Livro de Registro dos Lugares.

Belo Horizonte, 02 de dezembro de 2009

Valesca Coimbra

Arquiteta

CREA 77552/D



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

B. Parecer do Conselho



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELinha
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

C. Ata de aprovação provisória



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

D. Notificações e recibos



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

E. Ata de aprovação definitiva



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELinha
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

F. Decreto do Registro



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

G. Comprovante de publicação do Decreto de Registro



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

H. Abertura do Livro de Registro de Lugares



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELinha
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

I. Inscrição no Livro de Registro de Lugares



J. Relatório de Avaliação para Registro

O objetivo deste relatório é avaliar a viabilidade de registro da Feira-Livre de Capelinha, como patrimônio imaterial do município, a ser inserido na categoria de Lugares.

O decreto 3.551/2000 que institui o registro dos bens culturais de natureza imaterial, classifica os bens em quatro categorias, sendo uma delas a de Lugares que engloba “os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”.

Segundo Maria Sant'anna, diretora do IPHAN,

A proposta de criação dessa categoria deveu-se à observação de que existem sítios naturais, espaços urbanos e outros, construídos ou não, que independentemente de possuírem valor arquitetônico, urbanístico, estético ou paisagístico constituem “pontos focais” da vida de um grupo ou localidade, dando suporte ou abrigando práticas sociais e atividades coletivas que são importantes para os contextos locais ou territoriais onde se localizam. Por essa razão, esses espaços adquirem um sentido cultural especial para os que os vivenciam ou utilizam, tornando-se diferenciados dos demais. Tornam-se, assim, “lugares” e suportes fundamentais para a continuidade das práticas e atividades que abrigam.

Deste modo, o reconhecimento e a continuidade dos lugares como bens culturais imateriais dependem fundamentalmente das pessoas que os mantêm vivos, da maneira como se apropriam deste lugar e das relações existentes entre elas e o próprio lugar.

Foram coletadas informações sobre a Feira de Capelinha em documentos e livros da biblioteca municipal, bem como por meio de entrevistas com a população. Uma visita à feira também foi realizada.

Referências e menções à feira estão presentes em artigos de revistas regionais, jornais, panfletos turísticos, livros sobre Capelinha. Ir à feira, aos sábados, é um hábito tão cotidiano quanto ir à missa. Na feira se encontra de tudo: hortaliças e frutas da época, comidas típicas, doces artesanais, farinhas, óleos de pequi, fumo de rolo, palmitos, andu, ervas medicinais, “cachaças medicinais”, artesanato de barro, de palha, de madeira, flores naturais, temperos, carnes, animais (galinhas, porcos), roupas, brinquedos, bijouterias. Mas também, música, modos peculiares de fazer, negociar e viver.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo – Setor de Patrimônio Cultural
Rua Dr.Hermelindo, 382 - Centro – Capelinha-MG

Dossiê de Registro do Patrimônio Imaterial
Feira-Livre de Capelinha

Por isto, a feira de Capelinha é, inquestionavelmente, um desses Lugares. Referência da história e cultura capelinhense, é lugar de memória, de socialização e de manifestação de saberes, fazeres, produtos e expressões tradicionais, ou seja, de construção de identidades.

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2009.

Valesca Coimbra

PRESERVE – Instituto Mineiro de Preservação Ltda.